

Trabalho de Graduação do
Curso de Graduação em Geografia

**AS RELAÇÕES ENTRE A CULTURA PSYTRANCE E O LUGAR: O CASO DA
ALDEIA OUTRO MUNDO EM LAGOINHA-SP**

Adriana Lopes Rodrigues

Prof. Dr. Fabrício Gallo

Rio Claro - SP

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

ADRIANA LOPES RODRIGUES

AS RELAÇÕES ENTRE A CULTURA PSYTRANCE E O LUGAR:
O CASO DA ALDEIA OUTRO MUNDO EM LAGOINHA-SP

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel e Licenciatura em Geografia.

Rio Claro - SP

2024

R696r

Rodrigues, Adriana Lopes

As relações entre a cultura psytrance e o lugar : O caso da Aldeia
Outro Mundo em Lagoinha - SP / Adriana Lopes Rodrigues. -- Rio
Claro, 2024

60 p. : tabs., fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura -
Geografia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de
Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro

Orientador: Fabrício Gallo

1. Cultura. 2. Psytrance. 3. Geografia. 4. Lugar. I. Título.

ADRIANA LOPES RODRIGUES

AS RELAÇÕES ENTRE A CULTURA PSYTRANCE E O LUGAR:
O CASO DA ALDEIA OUTRO MUNDO EM LAGOINHA-SP

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de
Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio
Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel e
Licenciatura em Geografia.

Comissão Examinadora

Fabício Gallo (orientador)

Guilherme Eduardo Lucas Knappe

João Paulo Rosalin

Rio Claro, 4 de dezembro de 2024.

Assinatura do orientador

Assinatura da aluna

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador, prof. dr. Fabrício Gallo, por ter me ajudado a encontrar um tema relacionado à minha história e ter me mostrado que o TCC poderia ser mais leve do que imaginava.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a dar o meu melhor nos estudos e me proporcionaram as oportunidades que me trouxeram até aqui.

Aos meus amigos de curso, em especial ao Gabriel Carvalho, Igor Aquino, Grazielle Lima e Júlia Angelini, por terem dividido comigo as alegrias e frustrações durante a graduação. A amizade de vocês foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

Ao meu namorado, dj e amante de Psytrance, que tive a sorte de conhecer nesse lugar incrível, e me apoiou e ajudou durante toda a realização desse trabalho. Que seja sempre assim, te amo.

Aos amigos com os quais compartilhei alguns dos momentos mais felizes e marcantes da minha vida no Reveillaz 2019/20 e Mundo de Oz 2023. Cada um de vocês tem um lugar especial no meu coração.

Ao Dêfo, por receber a ideia desse estudo de braços abertos, e a todas as outras pessoas que fizeram e fazem a Aldeia Outro Mundo acontecer.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objeto de estudo o Psytrance, caracterizado como um movimento contracultural contemporâneo, enraizado na contracultura que emerge na década de 1960 nos Estados Unidos e se espalha mundo afora, adquirindo novas abordagens e características ao longo do tempo. A música e modo de festejar nascidos nas praias de Goa no final dos anos 1980 vêm acompanhados de ideais e modos de vida específicos que dão forma a essa cultura, a qual torna-se global ao passo que a revolução técnico-científico-informacional acontece. Construída pouco a pouco pelas pessoas que fazem parte da cena, a cultura Psytrance ganha diferentes vertentes a partir de experimentações e influências regionais, bem como novas formas de organização social que transcendem a festa em si. Dessa forma, a pesquisa busca preencher uma lacuna na abordagem geográfica dessa manifestação cultural, com o objetivo de compreender a situação geográfica da Aldeia Outro Mundo, na cidade de Lagoinha - SP, e os impactos causados por suas atividades nas dinâmicas do lugar. O estudo destaca a relevância do Psytrance para além de uma mera expressão musical, abrangendo também as esferas cultural, ambiental, social e econômica.

Palavras-chaves: Cultura; Psytrance; Geografia; Lugar.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis aims to explore Psytrance as a contemporary countercultural movement, rooted in the counterculture that emerged in the 1960s in the United States and spread globally, acquiring new approaches and characteristics over time. The music and celebratory style born on the beaches of Goa in the late 1980s are accompanied by specific ideals and ways of life that shape this culture, which becomes global as the techno-scientific-informational revolution unfolds. Constructed gradually by the individuals involved in the scene, Psytrance culture takes on various forms through experiments, regional influences, and new forms of social organization that go beyond the party itself. Thus, the research aims to fill a gap in the geographical approach to this cultural phenomenon, with the goal of understanding the geographical context of Aldeia Outro Mundo in the city of Lagoinha - SP and the impacts caused by its activities on local dynamics. The study emphasizes the significance of Psytrance beyond being a mere musical expression, encompassing cultural, environmental, social, and economic spheres.

Keywords: Culture; Psytrance; Geography; Place.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Participante do Reveilloz (2019) dançando com bambolê.....	20
Figura 2 - Participantes do Mundo de Oz (2023) dançando com fitas	23
Figura 3 - Número de incidências e percentual de motivações do turista.....	24
Figura 4 - Placa no Mundo de Oz em Cachoeira Grande (2012)	30
Figura 5 - Mulher com cartaz pelos direitos das mulheres no Mundo de Oz (2023)	32
Figura 6 - Localização da Aldeia Outro Mundo em Lagoinha.....	36
Figura 7 - Primeiro Curso de Bioconstrução da Aldeia Outro Mundo (2016).....	38
Figura 8 - Mundo de Oz 2012 em Cachoeira Grande	39
Figura 9 - Participantes do Reveilloz (2019) se refrescando no lago	40
Figura 10 - Aspectos dos benefícios ambientais e econômicos da utilização da energia solar na Aldeia Outro Mundo	41
Figura 11 - Princípios da Permacultura.....	44
Figura 12 - Curso de bioconstrução (2016).....	45
Figura 13 - Galeria de arte no Mundo de Oz (2023)	47
Figura 14 - Oficina realizada no Reveilloz (2019)	48
Figura 15 - Mapa da Aldeia Outro Mundo.....	51
Figura 16 - Aula de yoga durante o Mundo de Oz (2023)	52
Figura 17 - Performance durante show no Palco Chillout no Mundo de Oz (2019)	52
Figura 18 - Redário do Chillout no Mundo de Oz (2023).....	53
Figura 19 - Tenda Mainfloor Mundo de Oz (2023).....	54
Figura 20 - Criança aproveitando o show do Raimundos no Reveilloz (2019)	54
Figura 21 - Pista “de baixo” que foi interditada, no Reveilloz (2019)	56

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	MÚSICA ELETRÔNICA E PSYTRANCE	11
2.1	Principais vertentes	15
3.	AS FESTAS DE PSYTRANCE	19
4.	CULTURA PSYTRANCE E NOVAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL.	27
5.	ALDEIA OUTRO MUNDO.....	35
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o movimento Psytrance emergiu como uma manifestação contracultural única, transcendendo as fronteiras geográficas e culturais, e tornando-se globalmente conhecido. O campo de estudo desse tema tem aumentado e vem se consolidando ao longo dos anos, no entanto, o estudo da cultura Psytrance e seus impactos, particularmente a partir de um viés geográfico, permaneceu com uma lacuna acadêmica. A maior parte das pesquisas existentes sobre o Psytrance e seu movimento cultural têm origem em áreas como Ciências Sociais, Administração, Turismo e Comunicação Social.

Apesar disso, a perspectiva geográfica oferece uma abordagem holística e única para entender as implicações desse movimento no espaço e, mais especificamente, no lugar. Sendo assim, a pesquisa aqui apresentada visa preencher essa lacuna e compreender os impactos desta cultura em Lagoinha, no interior do estado de São Paulo, concentrando-se na atuação da Aldeia Outro Mundo como um estudo de caso representativo.

Essa pesquisa apresenta uma relevância substancial, visto que a cultura Psytrance transcende as barreiras de mera expressão musical ou artística, abrangendo as esferas social, ambiental, econômica e cultural, que desempenham um papel fundamental na dinâmica do lugar. Ademais, fornecerá uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas territoriais envolvidas na cultura psytrance e reunirá informações valiosas para a promoção de políticas públicas, cultura e sustentabilidade, além de enriquecer o debate na área da Geografia Cultural. Para mais, é uma oportunidade para reconhecer o papel desempenhado pela Aldeia Outro Mundo na cidade de Lagoinha e sua contribuição para a mesma.

Diante desse cenário, surge a questão problema: Quais são as implicações da cultura Psytrance no lugar, representadas pela atuação da Aldeia Outro Mundo, na cidade de Lagoinha/SP?

Para alcançar esse objetivo, este estudo se propõe a:

Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o impacto da cultura Psytrance no lugar a partir do caso da Aldeia Outro Mundo e sua atuação nas esferas social, ambiental, econômica e cultural na cidade de Lagoinha - SP.

Objetivos Específicos

Para alcançar o objetivo geral, os seguintes objetivos específicos serão explorados:

1. Realizar uma pesquisa bibliográfica abrangente para compreender o contexto, a origem e o desenvolvimento da cultura Psytrance.
2. Analisar trabalhos e documentos relacionados às atividades da Aldeia Outro Mundo, sua história, objetivos e impactos locais.
3. Compreender o papel da Aldeia Outro Mundo na economia local, explorando sua contribuição para as atividades comerciais e turísticas da região.
4. Avaliar as dimensões socioambientais do movimento Psytrance em Lagoinha, destacando suas conexões com a comunidade local, a promoção da cultura e a preservação ambiental.

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos, cada um explorando aspectos distintos do tema. O primeiro capítulo, intitulado “Música Eletrônica e Psytrance”, se propõe a resgatar o histórico do Psytrance, contextualizando sua origem e apresentando suas principais vertentes. No segundo capítulo, denominado “As festas de Psytrance”, são abordados os principais elementos de uma festa de Psytrance, assim como os diferentes tipos de eventos que se inserem nessa cena. O terceiro capítulo, “Cultura Psytrance e novas formas de organizações sociais”, tem como objetivo definir o Psytrance como um movimento contracultural global e contemporâneo, fundamentando essa caracterização a partir de embasamentos teóricos, e destacando como o movimento possibilita o surgimento de novas formas de organizações sociais. O quarto capítulo se dedica a apresentar a Aldeia Outro Mundo, seus projetos e relevância para a cidade de Lagoinha e região. Por fim, o quinto e último capítulo contempla as considerações finais desta pesquisa.

2. MÚSICA ELETRÔNICA E PSYTRANCE

A música eletrônica pode ser caracterizada como toda ou qualquer música criada ou modificada a partir de aparelhos e equipamentos eletrônicos, como sintetizadores, softwares, gravadores digitais e computadores, estando diretamente ligada às inovações tecnológicas das últimas décadas. Foi a partir da década de 1960, com o desenvolvimento de instrumentos como os sintetizadores e sequenciadores elétricos, que houve uma revolução significativa na indústria musical. Neste cenário surgem os primeiros estúdios e grupos de música eletrônica, como o Kraftwerk, e cresce o número de djs, que, a partir de diversas experimentações, acabam gerando diferentes gêneros e vertentes dentro do universo da música eletrônica. Além disso, com o tempo, muitas bandas e artistas de outros gêneros foram incorporando as inovações eletrônicas em sua produção, a exemplo de The Beatles, The Doors e Pink Floyd.

Paralelamente, surge o movimento contracultural nos Estados Unidos, possibilitado pelo complexo contexto pós-guerras e durante a Guerra do Vietnã. Esse período foi marcado por um forte sentimento anti-sistêmico e de busca por paz, liberdade, igualdade e melhores condições de vida. Segundo Schoch (2021, p. 36) “neste momento, uma gama da população se via marginalizada e desvalorizada, enquanto outros sentiam-se aprisionados e sob pressão social, sentimentos a partir dos quais criou-se uma revolta contra valores industriais, capitalistas e institucionalistas.” Dessa forma, a contracultura se expressa como uma reação e contestação da cultura hegemônica, com o crescimento de movimentos por direitos civis, como os movimentos hippie e feminista, a crítica à cultura de consumo excessivo, as revoluções sexual e psicodélica, e a busca de uma vida mais simples e conectada com a natureza.

A contracultura abriu caminho para uma maior pluralidade de manifestações culturais e expressões, desafiando as estruturas tradicionais da cultura considerada "correta" e promovendo uma busca por alternativas. Seus discursos contra-hegemônicos permeavam principalmente a esfera artística “– cinema, música, artes plásticas, literatura e poesia – que se tornaram os principais veículos a partir dos quais mobilizavam-se mentes e corpos na busca de uma sociedade livre da alienação do consumo, das guerras e da política como instrumento de dominação” (Lima, 2013, p. 185 *apud* Schoch, p. 36, 2021), tendo como grande marco a realização do festival de Woodstock em 1969.

Os mesmos estudantes que haviam queimado suas cartas de alistamento, tornaram-se fora da lei através deste ato, além da grande cassação aos hippies que ocorria nos EUA, perseguidos e presos pelo governo, fizeram-nos migrar para se refugiarem (Cavalcante, 2005). Sentindo-se profundamente influenciados pelo estado da mudança e libertação, estes e muitos outros jovens decidiram escapar, seja para o interior do país, seja para outros

territórios como Ibiza, Canadá ou para a Índia, na praia de Goa. Entre eles encontrava-se Goa Gil, que como muitos outros destinou-se para o oriente, encontrando na Índia um dos locais mais recorrentes de destinação entre estes grupos (Gil, 2011). (Schoch, 2021, p. 44)

Nestes lugares, comunidades foram estabelecidas com a intenção de fugir do estilo de vida urbano (Gómez, 2009 *apud* Schoch, 2021), de forma a manter vivos os ideais contraculturais. Goa, estado conhecido por apresentar paisagens deslumbrantes e praias paradisíacas, localizado na costa oeste do sul da Índia, passa a ser um destino muito procurado por esses hippies, intelectuais, artistas e produtores, que buscavam na ilha um refúgio da rotina de expropriação capitalista e das guerras, acabando por torná-lo um reduto do movimento de contracultura. Tais viajantes, alguns de longa permanência e outros de temporadas, geralmente correspondentes ao inverno estadunidense e europeu, possibilitaram a consolidação de uma “cultura de café/bar, formas dedicadas de varejo e sessões informais de música noturna” (Odzer, 1995; McAteer, 2002 *apud* De Ledsma), levando consigo influências das músicas populares da época, como o rock surgido por volta dos anos 1950, o Punk, o Blues, o Jazz e o Reggae, que acabaram se tornando ritmos marcados e marcadores das margens que iriam desaguar no movimento contracultural do Psytrance (Schoch, 2021, p. 45).

Dessa forma, Goa tornou-se um ponto de encontro internacional de pessoas dos mais diferentes extratos sociais, religiões, contextos e cenas musicais (Chaves, 2003, *apud* Schoch, 2021). Essas características fizeram com que esta fosse palco de diversas experiências musicais conforme a revolução técnico-científica-informacional se desenrolava, e é no final dos anos 1980 que o estilo embrionário de Goa, precursor do Psytrance, surge nas festas de Lua Cheia nas praias do estado.

Isolando-se de todos estes moldes aos quais as culturas e interações sociais eram submetidas devido às políticas repressivas pontuadas no enredo inicialmente destacado, o Psytrance se encasulou neste país com sua cultura peculiar. Pôde florescer completamente livre de amarras, normas e pressões governamentais, midiáticas e sociais. (Gil, 2011 *apud* Schoch, 2021).

Assim, desenvolvem-se intensas experimentações musicais, misturando e harmonizando ritmos psicodélicos do rock e elementos espirituais indianos, resultando no enérgico e bioelétrico Goa Trance (Chicago, 2011 *apud* Schoch, 2021, p. 46). De acordo com De Ledsma (2011), o Goa trance surge a partir de um estilo particular de Djing, que se integrava com batidas em compasso 4x4 e passagens instrumentais repetitivas do house americano e do techno alemão. Além disso, era comum o uso do pós-punk industrializado, sem seus ruídos ásperos e distorcidos. Alguns dos principais djs da época, em sua maioria ocidentais,

incluem Ray Castle, Five-Fingered Eddie, Goa Gil e Raja Ram (Rietveld, 2010; St John, 2011; Saldanha, 2007; *apud* De Ledesma, 2011).

A história do desenvolvimento do Psytrance, ou trance psicodélico, se entrelaça com a história do desenvolvimento do Goa trance e de novas tecnologias. Conforme De Ledesma (2011, p. 7)

A consolidação de um estilo de psytrance coeso, mais denso, mais movimentado e mais rápido que o Goa trance e aumentando de cerca de 136 batidas por minuto (bpm) para 146 bpm, surgiu conforme produtores, cada vez mais usando síntese digital, foram explorando complexos pacotes de software como Logic e Cubase. O psytrance também pronunciou a batida do baixo e os elementos de som de baixa frequência mais do que o Goa trance. Esse desenvolvimento tornou a música mais “funky”, já que um certo grau de sincopação foi escrito na colagem eletrônica. Outra mudança estética foi de uma paleta sonora mais brilhante e sofisticada para um clima mais sombrio e abarrotado. (tradução da autora)

O termo Trance Psicodélico remete ao transe gerado pela música hipnótica, como uma forma de alcançar um estado elevado de consciência, a partir da conexão consigo mesmo e com os outros participantes em uma espécie de meditação ativa guiada pela música. Indo muito além de suas características musicais, o Psytrance tem forte influência dos movimentos sociais latentes da época, como os já citados movimento Hippie, e a própria Revolução Psicodélica. Dessa forma, autores como Cole e Hannan (1997), D’Andrea (2007), Partridge (2004), St. John (2010) e Saldanha (2007) “localizam o psytrance em um continuum contracultural neopsicodélico com raízes que remontam à década de 1960. Outros localizam os eventos da festa trance, impulsionados por música rápida, hipnótica, baseada em batidas e amplamente instrumental, como pós-subculturais e neotribais, representando resistência simbólica ao capitalismo e ao neoliberalismo.” (De Ledesma, 2011)

No documentário “Psytrance: a way of life”¹, alguns djs influentes do Psytrance falam sobre suas perspectivas sobre o estilo. Ajja afirma que o Psytrance, quando ouvido em um sistema de som apropriado, te “massageia” a partir das diferentes frequências emitidas, contribuindo para a sua conexão com a música, consigo mesmo e com os outros, a partir de uma espécie de meditação ativa que te faz ficar mais consciente e relaxado através da dança. Raja Ram, por sua vez, define o Psytrance da seguinte maneira:

Na verdade, a definição técnica seria: música com batidas repetitivas, mas na realidade, a música trance é considerada um tipo de música que estimula um

¹ Disponível em: <https://www.psytrance.com/qtvideo/psytrance-a-way-of-life/>, acessado em 23/11/2023.

efeito neurológico no cérebro, que faz as endorfinas ganharem vida e expande a consciência por meio do som cósmico da música. (tradução da autora)

Muitas pessoas que conheceram em Goa um novo modo de conviver, em grande parte músicos, organizadores de eventos e artistas, ao retornarem para seus países de origem, levaram consigo suas influências musicais, bem como sua filosofia como um todo. Assim, passaram a reproduzir os estilos vivenciados em outros eventos, ocasionando na criação de outras vertentes, incluindo também influências regionais e locais. “Tomaram, assim, os movimentos ocorridos verdadeiramente como seus, objetivando fazer a diferença, levando os eventos expansores de consciência, lá ocorridos, para o mundo ocidental” (Liggestorfer, 2011 *apud* Schoch, 2021). Ainda segundo os autores, esses indivíduos retornavam à praia nos anos subsequentes com novas ideias e ritmos, num movimento de idas e vindas que possibilitava o enriquecimento da cena, levando Goa a se tornar um dos mais inovadores centros globais da história da música. Esse movimento, entretanto, acabou fazendo o turismo comercial disparar na área, o que acarretou na dispersão do interesse do público alternativo pela localidade. Com isso, os movimentos Goa e Psytrance foram difundidos por todo o planeta, compondo uma “cena verdadeiramente global” (Mathesdorf, 2011, p. 39 *apud* Schoch, 2021, p. 46).

É então que o trance psicodélico é introduzido no Brasil por estrangeiros, no final dos anos 1980. De acordo com Clarinda (2018, p. 19)

As primeiras festas aconteceram em Arraial D’Ajuda e Trancoso (Bahia), região que além de ser conhecida por suas belas praias, é famosa por abrigar um grande número de turistas advindo dos mais diversos lugares e que procuram o um “estilo alternativo” de vida. Nesta época, as festas eram pequenas, com no máximo 40 pessoas e duração de apenas uma noite.

Já na próxima década, surgem as primeiras raves no Estado de São Paulo. Com a ampliação das redes de telecomunicações, e, principalmente, do acesso à internet, o Psytrance ganhou força e foi amplamente difundido pelo mundo. Diante dessa expansão, surgem diferentes vertentes dentro do próprio Trance Psicodélico, com diferenciações a partir de influências regionais e o desenvolvimento de diferentes técnicas, como o Full On, o Progressive Trance e o Darkpsy.

Algumas das festas pioneiras no país foram a XXXperience (1996), Trance Formation (1998), Universo Paralello (1999), Tribe (2002), Samsara (2002) e Respect (2005), geralmente em locais como praias, cachoeiras e sítios. Com o passar do tempo, algumas dessas festas foram crescendo e atendendo a um público cada vez maior e mais diverso, no caso da XXXperience,

Universo Paralello, e Tribe, com uma mudança qualitativa na essência dos festivais, que se tornaram mais "comerciais", mas com algumas diferenças entre si.

2.1 Principais vertentes

A classificação das vertentes dentro do Psytrance não se dá a partir de uma categorização rígida, e há variações e exceções. Uma das formas mais eficazes para diferenciá-las é por meio das suas taxas de batidas por minuto (bpms). De uma maneira mais abrangente, as vertentes podem ser classificadas em diurnas e noturnas, sendo que as primeiras tendem a apresentar bpms mais baixos, serem mais melódicas e tocarem durante o dia. Já as vertentes noturnas tendem a apresentar bpms mais elevados, e são caracterizados por uma atmosfera mais densa e carregada, com uso de ambientações e sintetizadores que criam um clima de maior tensão, e apresentam variações em termos de melodia. São também frequentemente incorporados a estas músicas elementos de filmes de terror e da natureza, como gritos, vocais macabros e sons de chuva, ou elementos mais metálicos e futuristas.

A seguir, temos uma breve caracterização das vertentes do Psytrance e do Goa:

Goa (135-147 bpm): é o gênero mãe do Psytrance. É dividido em Oldschool e Newschool, principalmente por conta dos avanços tecnológicos incorporados ao último.

Goa Oldschool: o gênero pioneiro se desenvolve nas praias de Goa no final da década de 1980 e atinge seu auge nos anos 1990. Apresenta uma batida marcada pelo kick (como um bumbo sintetizado), acompanhada por sintetizadores em frequências agudas. É caracterizado por combinar melodias com influências étnicas indianas e orientais e elementos espaciais e futuristas, bem como com elementos da natureza, de forma a criar uma atmosfera mágica que convida o ouvinte a uma viagem para o seu interior e expansão da consciência. Além disso, possui um som característico devido ao uso dos equipamentos analógicos da época, como o sintetizador e as caixas de ritmo.

Goa Newschool: com o avanço da tecnologia, principalmente nas últimas duas décadas, foram sendo desenvolvidos softwares e hardwares mais potentes, permitindo a incorporação de elementos musicais contemporâneos e técnicas de produção mais avançadas. Com isso, as músicas apresentam uma melhor qualidade sonora, ficando livres de ruídos, e o kick na batida da música passou a ser acompanhado pelo baixo (bass). Apesar das mudanças, as composições se mantêm melódicas, ácidas (com sintetizadores agudos) e psicodélicas.

Com esses avanços, surge um novo gênero musical, uma nova maneira de fazer música eletrônica: o Psytrance, que depois se divide em outras vertentes e subvertentes. Inicialmente, temos o Full-On.

Full-On (entre 140-150 bpm): como diz o nome “Full-On”, a batida da música é ininterrupta e intensa, composta por um kick e três baixos, que transformam a pista de dança em um lugar extremamente enérgico e dançante. Frequentemente é estruturado a partir de momentos de construção, em que há uma intensidade crescente na música, e quebras, nas quais há um rompimento dessa energia, fazendo com que a pista de dança se mantenha em constante flutuação. Suas melodias são contagiantes, compostas por sintetizadores e texturas mais agudas, além de vocais e efeitos sonoros como arpejos, reverberações e delays, que trazem uma atmosfera mais psicodélica. Ao longo do tempo foi se dividindo em outras subvertentes, como o Full-On Morning, mais melódico, o Full-On Groove, mais ritmado e dançante, e o Full-On Night, mais psicodélico e sombrio.

Progressive Trance (130-140 bpm): Vertente mais calma, com bpm's moderados que trazem uma sensação de fluidez e certo relaxamento. Se caracteriza por sua progressão gradual, com músicas geralmente começando de forma amena e minimalista, com batidas lentas e melodias simples, e desenvolvendo-se com a adição de camadas de som e intensificação do ritmo, gerando um aumento gradual da sua energia. Apresenta melodias envolventes e hipnóticas, texturas sonoras ricas, grooves sutis e o uso de vocais é frequente. Assim como o Full-On, sua estrutura geralmente se dá a partir de momentos de intensidade crescente, seguidos de quebras que geram uma sensação de alívio temporário até que se retorne à progressão musical. O trance progressivo possui algumas variações, transitando entre som mais melódico do Prog House, a energia envolvente do Prog Psy, e até mesmo o clima mais sombrio do Prog Dark, com percussões tribais marcantes, bass “gordas” (longas) e grooves.

Darkpsy (140-160 bpm acima): caracterizado por batidas aceleradas, melodias obscuras e dissonantes, além de sintetizadores que criam sons ácidos, distorcidos e estridentes, com “samples (pequenas amostras de som) macabros de filmes como: gritos, risadas, sons de animais, interjeições” (Clarinda, 2018). Esses elementos criam uma atmosfera enigmática, inquietante, sombria e por vezes perturbadora, que convidam os ouvintes a uma experiência introspectiva, a mergulhar nas profundezas de suas mentes.

Hi-Tech (170-200 bpm acima): com raízes que remontam ao Darkpsy, essa vertente é marcada por suas batidas aceleradas, elementos caóticos, como mudanças abruptas de ritmo e variações de tons imprevisíveis. Estão presentes também distorções com sons robóticos e

alienígenas, criando uma atmosfera futurista, psicodélica, de urgência, intensidade e caos, dando a sensação de estar realizando uma jornada pelo espaço-tempo.

Forest (150-160 bpm): com suas batidas progressivas e grooves hipnóticos juntos a melodias complexas e elementos sonoros que lembram a natureza, a exemplo de samples de chuva, vento, pássaros e ruídos da floresta, essa vertente traz um ambiente mais orgânico e celebra a conexão com a natureza e a espiritualidade. Traz também influências étnicas e tribais, que se misturam a texturas psicodélicas e efeitos sonoros espaciais.

Psycore/Experimental (150 a mais de 200 bpm): também conhecido como “psychedelic hardcore” ou “experimental psytrance”, apresenta uma alta taxa de batidas por minuto, contribuindo para uma experiência intensa e enérgica. Contém experimentações de diferentes texturas e efeitos sonoros, com elementos não convencionais e uma sonoridade que desafia as expectativas musicais convencionais. Além disso, é marcada por mudanças súbitas na progressão musical e quebras de ritmo, podendo soar caótico em comparação com outras vertentes.

Em seu trabalho, Clarinda (2018) classifica essas vertentes em diurnas e noturnas, com exceção do Forest e Psycore, da seguinte maneira:

- Noturnos: ProgDark, Goa Trance, Darkpsy, Full On (Night, Groove), Hi-Tech, Forest, Psycore
- Diurnos: Goa Trance, Full On (Morning, Groove), Prog Trance

A seguir, são apresentados alguns exemplos de djs e músicas de cada vertente:

- Goa Oldschool: Goa Gil, Tim Schuldt, Battle of The Future Buddhas, Asia 2001, Astral Projection²;
- Goa Newschool: Jaraluca, Morphic Resonance, Lectro Spektral Daze, Cactus Arising, Etnica³;
- Full-On Morning: 1200 Micrograms, Talamasca, GMS, Electro Sun, Domestic⁴;

² Escutar Faixa 1 da playlist, exemplo Goa Oldschool: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0qKUvADTrUV76qi95XLUgn?si=9602a8d71f3846e>

³ Escutar Faixa 2 da playlist, exemplo Goa Newschool: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2D1ZodYPwWDO1XeU6ZjzHD?si=468c51bd4f9c44ad>

⁴ Escutar Faixa 3 da playlist, exemplo Full-On Morning: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/20foG3CZn7z4vfGWsDXIVK?si=b83bfd48c1f240de>

- Full-On Groove: Tristan, Raja Ram, Outsiders, Electric Universe, Astrix⁵;
- Full-On Night: Ajja, Whiptongue, Fungus Funk, Drip Drop, Axial Tilt⁶;
- Prog Psy: Liquid Soul, Ticon, Egorythmia, Protonica, Ace Ventura⁷;
- Prog Dark: Ryanosaurus, Grouch, Evil Oil Man, Merkaba, Sumiruna⁸;
- Prog House: Tinlicker, Pryda, Andrew Bayer, Dyro, Eric Prydz⁹;
- Darkpsy: Dark Whisper, Oroboro, Necropsycho¹⁰;
- Forest: Ectogasmics, Arjuna, Nobot, Rawar¹¹;
- Hi-tech: Angry Luna, Marambá, Yatzee, Kindzadza, Kokobloko¹²;
- Psycore/Experimental: Luuli, Plankton, Sectio Aurea¹³.

⁵ Escutar Faixa 4 da playlist, exemplo Full-On Groove: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7u4jxqiqlXTGKlwbNUIODB?si=80d19703dd9142da>

⁶ Escutar Faixa 5 da playlist, exemplo Full-On Night: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1t3oKMsBulXMjJw6uP3N0V?si=3660cbc9d6b74fd4>

⁷ Escutar Faixa 6 da playlist, exemplo Prog Psy: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5Zojzf9fDAJWHrEE6yKnKM?si=2859dd2057f64dea>

⁸ Escutar Faixa 7 da playlist, exemplo Prog Dark: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2Q7HxP0AvWQomv4y1givEV?si=bf8b6009a9fc4d79>

⁹ Escutar Faixa 8 da playlist, exemplo Prog House: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3v2oAQomhOcYCPPhafS3KV?si=dc92ad6b30c45b4>

¹⁰ Escutar Faixa 9 da playlist, exemplo Darkpsy: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2n5zzpSfqIfGXHHJpjVDuC?si=83c40bca74f84e09>

¹¹ Escutar Faixa 10 da playlist, exemplo Forest: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1wL7y7oKoOSbSrHetrCHID?si=175d7b63cf8046c1>

¹² Escutar Faixa 11 da playlist, exemplo Hitech: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/58Ge3PphOUq9TvGzQlbzgs?si=ecfba765786e4ad6>

¹³ Escutar Faixa 12 da playlist, exemplo Psycore/Experimental: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6QM6q963LEbQxbu02NBGA?si=e4817f3e9f654a80>

3. AS FESTAS DE PSYTRANCE

Segundo Amaral (1998, *apud* Clarinda, 2018), as teorias sobre a festa na antropologia costumam concebê-la como um evento com dois significados principais: o de negação simbólica da forma como a sociedade se encontra estabelecida, ou como reafirmação da ordem existente. A concepção de festa também destaca o momento em que os indivíduos podem desfrutar de momentos de menor tensão e maior liberdade, proporcionando um lugar onde a imaginação pode florescer livremente. No Psytrance, as festas representam um fenômeno contracultural único e multifacetado, realizadas quase sempre em meio à natureza, em locais que incluem cachoeiras, montanhas, praias, florestas e campos, trazendo aos participantes a sensação de vivenciarem um paraíso perdido, dissociado da complexidade da vida urbana (Clarinda, 2018, p. 14).

As raves, como são denominadas as festas de disseminação dessa cultura, ocorrem nessas localidades, de forma sazonal, e constituem uma comunidade organizada coletivamente, reunindo grupos específicos de pessoas que ali estabelecem conexões e laços afetivos (St. John, 2013). Elas costumam ter dias de duração, com o intuito de fazer seus participantes mergulharem no transe induzido pela música, sendo caracterizadas por Moreira (2014, *apud* Schoch, 2021) como eventos ritualísticos. De acordo com Peto (2000, p. 35, *apud* Schoch, p. 60), a música e a dança são elementos pré-históricos com cunho terapêutico, representando meios de expressão e comunicação com capacidade de transformar a vida, e também o convívio em sociedade. Dessa forma, essa não é a primeira vez na história em que esses elementos são canalizados com o intuito de entrar em comunhão com a natureza e o universo. Por esse motivo, St. John (2013) caracteriza esses eventos como rituais neotribais, em que há uma readaptação de antigos rituais tribais ao século XXI, trazendo a música para um de seus propósitos originais. Schoch (2021, p. 60) aponta que

No caso do Psytrance “a sonoridade é produzida com a intenção de estimular estados alterados de consciência.” (Moreira, 2014, p. 22), com frequências emitidas pelo som, por vezes inaudíveis. Somadas às batidas repetidas da música se assemelhando aos tambores xamânicos utilizados para a indução do transe 38 mil anos atrás, geram a conexão com o plano sensível (Rätsch, 2011).

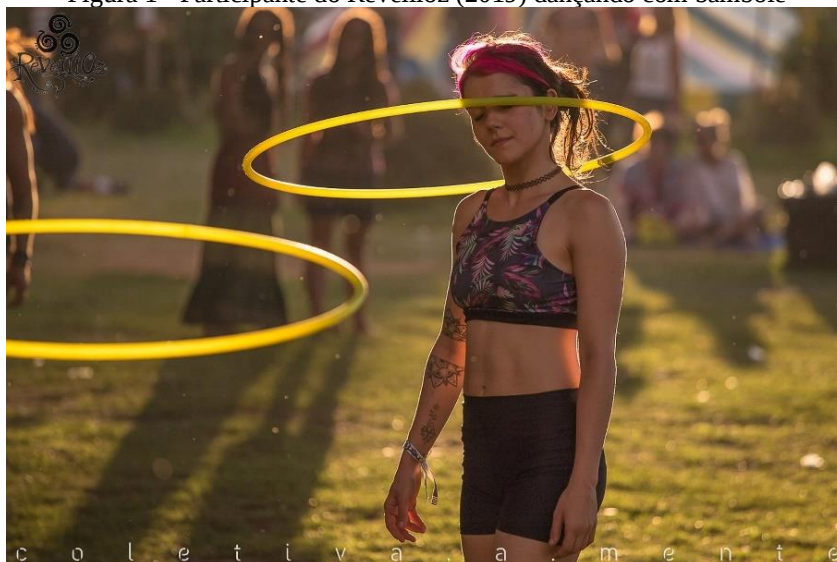
Assim sendo, a música, embora geralmente sem letra, se constitui como o fio condutor de toda experiência dentro do movimento Psytrance, como uma poesia que desperta sensações com seus bpm's, grooves e mantras, as quais são levadas ao longo da festa e para além dela. Enquanto ouvimos a música, as energias fluem pelo nosso corpo e temos uma experiência

sensorial profunda que, apesar de nem sempre ser compartilhada, é sentida por todos os presentes na festa (Clarinda, 2018, p. 28)

O corpo também assume um papel central nessa cultura, já que, segundo Le Breton (2016 apud Schoch, 2021), consiste na condição humana do mundo, pelo qual as coisas se traduzem em significados e ambiências. É por ele que o ser humano participa do seu vínculo social, com uma série de gestos e mímicas que constituem o meio de comunicação mais eficiente, tanto consigo mesmo quanto com o outro, ou seja, pelo sorriso e pela dança mostramos ao outro a sensação de estar naquele momento do festejar.

Schoch (2021) afirma que “[...] o corpo aqui também é resistência atrás da sua expressão, e esta máxima se alcança aqui pela dança”, e é também por ele, através do ato de dançar sem um modo previamente definido, totalmente livre de padrões e obrigações, que os indivíduos podem experienciar o estado de transe. Dessa maneira, “para alguns, dançar em transe profundo, individual ou coletivo, é também uma forma de liberação de sentimentos. Assim atinge-se a transformação do ser, permite-se a libertação do ser humano, expressando totalmente seu corpo” (Schoch, 2021, p. 49) (Figura 1).

Figura 1 - Participante do Reveilloz (2019) dançando com bambolê



Fonte: Coletiva a mente – Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

O Trance Psicodélico, como já mencionado anteriormente, significa transe ou êxtase, experiência caracterizada por estados alterados ou elevados de consciência. Tais estados podem ser induzidos por diferentes meios, como a meditação, estimulação sensorial e perceptiva, como com a música ou dança, e pelo uso de alucinógenos e enteógenos. Apesar de não haver uma definição completa do que o estado de transe representa, o ser humano utiliza essas técnicas

para induzi-lo desde os tempos mais remotos. Como observado por Labate et al. (2010, *apud* Clarinda, 2018)

Cerimônias religiosas de várias sociedades envolviam o uso de substâncias psicoativas extraídas de plantas consideradas sagradas, eram consideradas como portais para o mundo espiritual. Nas religiões em que o misticismo e o contato com o sobrenatural desempenham um papel importante, as plantas são consideradas como parte da realidade do ritual do grupo. Alteração da consciência com vinho e das bebidas alucinógenas fazem parte das técnicas do êxtase, as quais são utilizadas desde sempre pelo ser humano, essas sempre ajudam o homem a libertar-se de suas preocupações materiais.

Neste sentido, o Psytrance representa também a continuidade do movimento psicodélico no mundo globalizado, envolvendo elementos da natureza, a música rítmica, a dança do transe e a embriaguez, na busca por estados alterados de consciência (Partridge, 2006 *apud* Clarinda, 2018). “As substâncias que podem vir a ser usadas pelos participantes envolvem desde plantas naturais, consideradas sagradas para muitos povos e religiões há milhares de anos, até as mais novas tecnologias químicas sintetizadas em laboratórios” (Clarinda, 2018, p. 30). Exemplos disso são a ayahuasca, rapé, DMT, cogumelos, LSD, a cannabis, e até mesmo o álcool e tabaco.

Dentro deste contexto iniciam-se os chamados coletivos de redução de danos, que buscam informar os participantes acerca dessas substâncias, orientando-os para um uso mais consciente e rompendo o tabu que a sociedade impõe sobre o assunto. Esses coletivos também costumam atuar informando os participantes sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), distribuindo camisinhas e ajudando com o bem-estar das pessoas em geral, como lembrando-as de descansar e beber água. As festas com espaços para relaxar, como Chillout e tenda de cura, contribuem para a redução de danos nesse sentido, já que neles é oferecida uma programação de atividades “para além da pista de dança, as quais trazem uma possibilidade de maior interação com o ambiente, sendo estes oficinas que vão desde oficinas de dança livre, aplicação de reiki, até a oficina de criação de mandalas.” (Clarinda, 2018, p. 33)

Em se tratando do ambiente proporcionado pelas festas de Psytrance, a arte e criatividade são evidenciadas pela decoração, com tendas, palcos, placas e esculturas tornando o ambiente mais psicodélico e aconchegante. Segundo Rom (2011 *apud* Schoch 2021), nota-se em suas vestimentas e aparência em geral por “dreads, tattoos, piercings, roupas no estilo com estampas do espaço sideral ou indianas, muitas joias e o estilo único de fada ou elfo”, remetendo à moda psicodélica e tribal Hippie. É a partir de suas roupas e fantasias, diferentes estilos de maquiagem e uso de pinturas corporais (Schoch, 2021, p. 48), que muitos participantes expõem sua criatividade e liberdade. Desse modo, um dos fatores que mais contribui para a atração de

tantas pessoas para essas festas é o estabelecimento de um lugar em que é possível ser e experimentar sem que haja julgamentos. Propondo um olhar geográfico para esses eventos, Calado (2006 *apud* Schoch, 2021) afirma que

rave é, desta forma, vista como o território dos adeptos de música electrónica. Uma zona própria e à parte da sociedade, tanto espacial como temporalmente. Uma zona onde os ravers podem concretizar as suas fantasias e assumir um estilo de vida alternativo sem inibições. (Calado, 2006 *apud* Schoch, 2021)

Ao observar a conjuntura histórica e social que deu origem ao fenômeno do Psytrance, percebemos que se trata de uma nova forma de confraternização e de ter acesso ao lazer que se configura como um estilo de vida. Para Ab'Saber (2012 *apud* Clarinda, 2018), a vida noturna, como no caso do movimento trance, pode se tornar o centro da vida do jovem, repleto de signos e símbolos que transcendem o momento de festejar, integrando-se de maneira duradoura no cotidiano e formando discursos que ressoam na vida diária.

Em seu trabalho, Schoch (2021) discorre sobre as éticas presentes no movimento e nas festas de Psytrance, as quais conferem um ambiente com características singulares. A primeira delas é denominada de ética da informalização, emergindo do estado de consciência alterado proporcionado pela própria música e pela sensação, por parte dos participantes, de estarem parcialmente libertos das preocupações e das formas de classificação social cotidianas, sentindo-se parte de um único corpo coletivo durante as festas (Chaves, 2003 *apud* Schoch, 2021). Dessa forma, a ética da informalização proporciona uma sensação de bem-estar, felicidade e fraternidade comunal aos participantes, expressa no estado expansivo e comunicativo entre os mesmos, inclusive através da dança (Neves, 2010 *apud* Schoch, 2021) (Figura 2).

Figura 2 - Participantes do Mundo de Oz (2023) dançando com fitas



Fonte: Coletiva a mente – Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

A segunda ética apresentada é a ética empática, em que, a partir da informalização das relações proporcionada pela primeira, há uma facilitação da criação de laços emocionais entre os participantes, mesmo desconhecidos. Neste caso, até mesmo a estrutura hierárquica entre organizadores, djs, decoradores e artistas se dissolve, sendo possível encontrá-los na pista de dança caminhando e interagindo com outros participantes (Schoch, 2021. p. 54). St. John (2013) acrescenta que “a cena pode cultivar profundas e duradouras conexões, e isso se dá parcialmente devido ao contexto social que requer dos indivíduos que sejam genuínos e honestos, que se responsabilizem uns pelos outros pelo bem estar comum”.

A última ética destacada é a ética da militância. Com a comercialização das raves e a dissociação dos valores entre os participantes (Moreira, 2014 *apud* Schoch, 2021), a militância surge com o objetivo de que os ravers, por meio do hedonismo e da empatia, busquem a ressocialização e transformação mental. Neste contexto foram criadas também comunidades online para a partilha de ideologias e lutas a serem assumidas, compartilhando em fóruns as influências da cena, mantendo vivos os ideais e valores contraculturais. A ideia central é que, uma vez conscientizados, os participantes implementem as lutas políticas e sociais nas suas vidas, externas ao evento, promovendo relações mais harmoniosas entre as pessoas e com a natureza (Chaves, 2003 *apud* Schoch, 2021).

Aqui é então estabelecido um tripé homólogo entre cultura, música e evento disseminador da cultura (raves) na intenção de explicar mais a fundo a abrangência da composição do movimento do Psytrance. Componentes artísticos, simbólicos, atividades e a própria ambientação levam as raves a atingir seu estado peculiar. Elementos estes responsáveis por criar uma imersão total e experiência sensória, característica desse tipo de evento e cultura (Moreira, 2014).

Assim, as três éticas apontadas contribuem para a construção de uma comunidade única e para a promoção de valores e comportamentos que são levados pelos participantes para suas vidas cotidianas. Elas conferem alguns dos principais motivos pelos quais as pessoas frequentam esse tipo de evento, como demonstrado no estudo de Vieira (2013). O pesquisador realizou entrevistas com os participantes do festival O Mundo Imaginário a partir de algumas hipóteses dos motivos que as levavam até ali, e as respostas foram, das mais recorrentes às que menos foram citadas, respectivamente: fuga da rotina; música e dança; diversão; conhecer novos lugares; contato com a natureza; senso de comunidade; espiritualidade; movimentos de contracultura; status e prestígio e divulgação e apreciação estética. (Figura 3)

Figura 3 - Número de incidências e percentual de motivações do turista

HIPÓTESES MOTIVACIONAIS	NUMERO DE INCIDÊNCIAS	PERCENTUAL
Fuga da rotina	18	17,64%
Música e dança	15	15,68%
Diversão	10	14,71%
Conhecer novos lugares	14	13,74%
Contato com a natureza	16	09,80%
Senso de comunidade	09	08,82%
Espiritualidade	07	06,87%
Movimentos de contracultura	06	05,88%
Status e prestígio	04	03,92%
Divulgação e apreciação estética	03	02,94%
Total	102	100%

Fonte: Vieira (2013), p. 43.

Cabe agora fazer uma diferenciação entre festas da cultura Psytrance, compreendendo as raves, PVTs e festivais. O termo “raves” é usado de maneira mais ampla, abrangendo qualquer festa da cultura Psytrance. As PVTs, cujo nome deriva do inglês “private”, se caracterizam por apresentarem um público menor, com um caráter mais íntimo, remetendo também às primeiras festas de Psytrance, que possuíam as mesmas características. Por esse motivo, muitas vezes proporciona a oportunidade de se estabelecer conexões mais profundas e

personais. Os festivais, por sua vez, destacam-se por atenderem a um público mais amplo e apresentarem maior infraestrutura, oferecendo espaços que vão além do palco principal, como o Chill Out, área de cura, atividades culturais, oficinas, etc.

No entanto, com a comercialização excessiva dos eventos, surgem crews, ou organizações, que enxergam neles apenas uma oportunidade de negócios, privilegiando o lucro ao invés de buscarem oferecer uma experiência realmente significativa aos participantes. Por esse motivo, em alguns casos, esses eventos acabam perdendo a essência dos valores transmitidos por essa cultura, focando apenas no simples ato de festejar. Essa tendência é mais comum em raves de porte médio e grande e festivais, já que, dado o seu caráter intimista, as PVTs não são tão interessantes nesse contexto. Dessa forma, Clarinda (2018) aponta que há

De um lado as festas comerciais e de outro as mais “alternativas” - ou o comercial e o underground. Este segundo segmento, o underground, é considerado por alguns como a resistência, e neste caso, resistência por ainda levar mais a fundo o significado de contracultura como era tido com os Híppies na década de 1980. Entretanto, dentro deste segundo segmento existe o comércio e o consumo capitalistas, que tende a massificar as manifestações (Nascimento, 2006). Para alguns frequentadores o que traz a esse segmento o “título” de contracultura está na maneira como esse movimento utiliza-se dos meios capitalistas para criar arte e sobreviver por intermédio dela.

O impacto dos diferentes tipos de festa no lugar em que ocorrem também tende a ser diferente. Coutinho & Coutinho (2007 *apud* Vieira, 2013) expõem que organizar ou sediar eventos tem se tornado uma forma dos países promoverem sua imagem e de gerarem lucro para a cidade ou região anfitriã, sendo considerado o setor que mais fornece retorno econômico e social para os países e cidades que os recebem. As autoras também previram um boom no setor nos anos subsequentes ao estudo, sendo que os festivais de música apresentam os maiores níveis de crescimento, tanto em ocorrências como em participantes (Gibson & Connel, 2005 *apud* Vieira, 2013). Os gastos dos turistas acarretam no aumento da renda da cidade ou região, representando recursos novos que entram na economia local, e o efeito positivo na mesma “será tanto maior quanto menor for a necessidade desses lugares de importar bens e serviços para atender aos turistas” (Ignarra, 2003 *apud* Vieira, 2013).

Além disso, o impacto das festas no lugar será diferente de acordo com a relação estabelecida entre o evento e o lugar, podendo manter-se relativamente isolado do seu entorno, ou buscar integrar-se às dinâmicas locais de forma positiva. Algumas decisões tomadas durante a sua organização, como privilegiar a compra de produtores locais ou de grandes corporações; a contratação de locais ou não; a promoção de iniciativas sociais que beneficiem a população local, como a distribuição de alimentos arrecadados nos eventos; e até mesmo a adoção de

medidas para minimizar o impacto ambiental, são importantes para a definição dessa relação. No geral, as organizações de festas com caráter mais underground tendem a se preocupar mais com estes e outros aspectos, buscando uma relação mais harmoniosa com o lugar onde são realizadas.

4. CULTURA PSYTRANCE E NOVAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Este capítulo se inicia com uma delimitação conceitual de cultura e contracultura, com o objetivo de proporcionar uma compreensão mais sólida a respeito da relação entre esses conceitos e o fenômeno do Psytrance. A princípio, podemos citar brevemente o panorama que Schoch (2021) apresenta em seu trabalho a respeito da evolução da compreensão de cultura ao longo da história, sendo esta, por muito tempo, associada à cultura hegemônica. “Surgido em meados do século XVI equivalente ao termo “civilidade”, designou, até o século XIX uma cultura “[...] praticada pela e para a aristocracia, por oposição à cultura popular, de caráter vulgar e plebeu.” (Bizzocchi, 1999, p. 72 *apud* Schoch, p. 16). Neste entendimento, a cultura valorizada socialmente era exclusiva das classes dominantes, e qualquer outra forma de manifestação cultural era subjugada socialmente. A cultura é responsável pela transmissão de significações e valores, assim como regras sociais e concepções de mundo, revelando-se um importante instrumento para a manutenção do status quo e controle da sociedade.

Dessa forma, a autora levanta o debate acerca da definição de cultura como única, sem levar em consideração sua pluralidade, já que “os indivíduos pertencentes a uma mesma localidade, podem possuir culturas múltiplas não necessariamente inerentes ao território” (Schoch, 2021, p. 23). Assim, haveria uma Cultura, com ‘C’ maiúsculo, referindo-se à cultura institucionalizada e ligada às classes dominantes, que, contudo, é apenas uma das diversas culturas existentes, e a cultura com ‘c’ minúsculo, a qual “representaria os diversos resultados das interações geradas por interesses e vivências compartilhadas.” (Schoch, 2021, p. 23).

Neste sentido, conclui-se que a cultura é um conjunto intrincado de valores, costumes, crenças e práticas que constituem a forma de vida de um grupo específico (Eagleton, 2003, p. 52 *apud* Schoch, 2021, p. 24). Para além disso, o conceito aqui explorado enfatiza a construção de diferentes identidades, contrapondo-se à normatividade presente na definição antropológica do termo e ao elitismo.

Compreende-se assim, que a cultura deveria não alienar, reproduzir nem auto afirmar uma identidade, mas sim proporcionar e permitir a existência do diferente a se encontrar em seu meio cultural. Desta forma, os autores por Lima referenciados, “propõem uma reelaboração da (...) concepção clássica de cultura como algo sistêmico, estruturado, normatizado. (...) a cultura é estar admitindo a necessidade do não normatizado, do desviante. (Lima, 2013, p. 189 *apud* Schoch, p. 34)

Com esses embates culturais, a autora traz a perspectiva de Gramsci, indicando que quando a hegemonia possui ideais muito discrepantes das expectativas da população, pode

ocasionar no surgimento de movimentos ideológicos em exigência de condições mais equilibradas e livres (Moraes, 2010 *apud* Schoch, 2021, p. 18), abordando alguns exemplos dessa ruptura na história, como o próprio movimento contracultural.

A contracultura, por sua vez, pode ser definida como aquela que contesta e embate a cultura tida como correta. Esta, a qual se opõe, é, de acordo com Lima (2013), a cultura tecnocrata, que racionaliza, delimita e impõe a manutenção do seu poder com armas de fogo (Schoch, 2021, p. 30). Deste modo, o surgimento da contracultura se dá na década de 1960 nos Estados Unidos, propiciado pelo período pós-guerras vivenciado pela população, assim como uma crescente insatisfação com a cultura “normalizada”, ocasionando na abertura que impulsionou mudanças na organização da estrutura social (D’Allevedo, 2011 *apud* Schoch, 2021).

Apesar da piora das condições trabalhistas na época, o cerne dos movimentos sociais não se tratava da busca por melhorias materiais nas necessidades básicas impostas pelo sistema capitalista, mas sim “a paz entre os povos” e a “luta pela liberdade”, bem como o rompimento de normas geracionais (Maciel, 2007, *apud* Schoch, 2021). A contracultura surge como um movimento que problematiza as condições sociais herdadas das relações de poder, buscando maior abrangência sociocultural e reparação histórica. Assim, com os conflitos mundiais chegando à sua exaustão, irrompem em diferentes partes do mundo, exigências por maior liberdade, condições de existência mais humanas e a dissolução de paradigmas conservadores.

À vista disso, serão aqui evidenciados movimentos que apresentaram maiores impactos e atestaram a criação do espaço contracultural global, o maio de 68, a Primavera de Praga, movimentos de resistência ao AI-5 no Brasil, o festival de Woodstock nos Estados Unidos (Kruger, 2010). “Jovens do mundo inteiro alimentavam uma revolta generalizada contra o mundo bipolar, os valores sociais ultrapassados, a repressão sexual, as injustiças sociais, os tabus e preconceitos, a guerra do Vietnã. (Thibes, 2012 *apud* Schoch, 2021)

O movimento contracultural pode ser traduzido como um conjunto de movimentos de rebelião da juventude que marcaram a década de 1960, (Pereira, 1992 *apud* Clarinda, 2018), em que uma legião de pessoas acreditava na possibilidade de um outro modo de vida, em oposição às normas impostas pela industrialização. Essas normas estabelecem padrões de relacionamento baseados na acumulação material e condicionamento mental dirigido ao consumo, como destacado por Lima (2014). Assim, a contracultura não apenas voltou-se contra tais normas, mas também proporcionou uma abertura para a compreensão mais ampla da hegemonia cultural e dos princípios por ela difundidos, e, a partir disso, buscou um maior pluralismo nas manifestações e expressões culturais. Schoch (2021, p. 41) aponta que

Ela continha, portanto, uma estética própria que, contudo, se bifurcava em diversos grupos culturais próprios, com um estilo, estética, literatura em comum (Bennett, 2012). Assim, a valorização à música como expressão artística e difusora de seus ideais, ideais de conscientização ecológica, pretendendo romper com o modelo capitalista do uso de insumos imediatista sem precaução por gerações futuras, e o senso de individualismo propagado são vistos como características unificantes desta expressão cultural.

Neste contexto, acontece o icônico festival de Woodstock, realizado entre 15 e 18 de agosto de 1969, com um público de quase 500 mil pessoas, convergindo a criatividade e os ideais políticos que caracterizavam a contracultura, tornando-se um símbolo do clamor social por paz, amor, igualdade e respeito (Uribe, 2019 *apud* Schoch, 2021), bem como um marco na consolidação do movimento. A música se destaca como uma poderosa aliada na disseminação de ideais, pois proporciona o compartilhamento de emoções, intenções e significados, transcendendo barreiras linguísticas. Assim, os compositores e artistas da época, como Jimi Hendrix, Janis Joplin e The Who, sentiam-se na obrigação de fazer jus ao movimento político que vinha acontecendo, reconhecendo que “a música representa, portanto, um dos principais meios de comunicação nos quais ideologias repercutem” (Loureiro, 2009 *apud* Schoch, 2021).

Dessa maneira, a contracultura transcende a mera rebeldia juvenil e se integra à esfera social, num processo de criação e identificação de ideais nos quais uma nova geração construiu a sua própria identidade, a sua cultura. Apesar disso, Clarinda (2018) e Schoch (2021) esclarecem que a contracultura não se refere apenas ao movimento ocorrido nos anos 1960, mas pode se referir a algo mais geral e abstrato, um espírito de contestação da ordem vigente e de rompimento de paradigmas estabelecidos, com um caráter profundamente radical, como apresentado no trecho a seguir:

A contracultura não é tida como uma entidade sociocultural específica, mas sim uma entidade com um certo grau de fluidez ao ponto de ser capaz de abraçar diversos agrupamentos e, portanto, se manifestar diferentemente em espaços-tempo específicos, dependendo da socioeconômica local e circunstâncias culturais e demográficas. (Bennett, 2012 *apud* Schoch, 2021)

Tal fato amplia o escopo da contracultura, que pode ser considerada como uma cultura completa que se desdobra em várias manifestações culturais distintas, abrangendo gêneros musicais como o Rap e o Rock, bem como a Tropicália e o próprio Psytrance. Assim, o Psytrance pode ser considerado uma derivação dos movimentos contraculturais dessa época, sendo este enraizado nos princípios e ideais que caracterizam o movimento hippie e psicodélico dos anos 1960 e 1970, com uma releitura de seu discurso pacifista a partir dos ideais de Paz, Amor, União e Respeito (PLUR), considerados pilares da cena (Clarinda, 2018). (Figura 4)

Figura 4 - Placa no Mundo de Oz em Cachoeira Grande (2012)



Fonte: Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

Deste modo, após o seu surgimento em Goa, o Psytrance é levado pelos seus frequentadores para diferentes partes do globo, já que muitos dos adeptos ao movimento também faziam parte de uma cultura viajante (Fujishiro e Inada, 2011 *apud* Schoch, 2021). Isso, somado ao avanço da globalização e o surgimento de tecnologias que permitem a conexão de pessoas à distância, fez com que as fronteiras culturais fossem diluídas e o Psytrance se tornasse um movimento contracultural global. Para entender melhor essa dinâmica, Schoch (2021) utiliza o conceito de espaços heterotópicos, introduzido por Foucault, os quais são aqueles que transcendem as limitações da localização física e possuem múltiplas camadas de significação e de relações com outros lugares, como uma rede cuja complexidade não pode ser vista imediatamente. Lima (2013, *apud* Schoch, 2021) aponta que

O sentimento desperto pelos movimentos Goa e Psytrance fora difundido por todo o globo, fazendo-se presente até os dias atuais compondo uma “cena verdadeiramente global” (Mathesdorf, 2011, p. 40). “Como uma cultura alternativa ou cultura marginal o fenômeno foi crescendo, focado principalmente nas transformações da consciência, dos valores e do comportamento, na busca de outros espaços e novos canais de expressão para o indivíduo e pequenas realidades do cotidiano.

Assim, o Psytrance pode ser entendido como um movimento contracultural global contemporâneo, o qual, de acordo com St. John (2010), mais se assemelha com Woodstock, e mantém grande parte dos traços do movimento original. Uma das principais características que

contribuiu para que se tornasse uma cultura global foi sua autodeterminação cultural, sendo construída pelos próprios participantes, abrangendo diferentes nacionalidades e culturas, assim como representações individuais, sem a distinção ou exclusão devido a diferenças étnicas (Mathesdorf, 2011 *apud* Schoch, 2021). Este fato fez com que assumisse um caráter experimental, incentivando o processo criativo dos indivíduos, a qual pode ser percebida tanto nas músicas quanto pela decoração e moda da cena, com a criação de figurinos próprios e a confecção de pinturas corporais.

No que diz respeito às características dessa cultura, podemos destacar principalmente a mudança da mentalidade individualista construída na sociedade neoliberal atual para uma mentalidade de vida em comunidade (Martins, 2013 *apud* Schoch, 2021). Essa mudança, faz com que o ambiente construído proporcione maior identificação, segurança e pertencimento, gerando sentimentos de comunhão, harmonia e cooperação, propiciando uma convivência pacífica e solidária em um espírito de comunidade (Thibes, 2012 *apud* Schoch, 2021), com uma humanização das relações. É permeada de ensinamentos milenares, arte, ética e valores, além de uma religiosidade que abraça elementos de diversas doutrinas livremente (Gristina, 2019 *apud* Schoch, 2021). De acordo com Rom (2011 *apud* Schoch, 2021)

Existem inúmeras cenas Trance que se diferenciam uma da outra (...) Ainda assim, como em qualquer cultura, há uma personalidade visual e certos códigos que diferenciam a família Goa de qualquer outra. A música, roupas, arte, tolerância, receptividade, simpatia e amorosidade encontram-se em todas as festas em qualquer país onde a cena se faça presente.

A teoria da liminaridade, conforme exposta por Turner (1974, *apud* Clarinda, 2018) e St. John (2013), oferece uma perspectiva que contribui para o entendimento de como ocorre essa mudança. A liminaridade é um conceito antropológico que se refere à transição entre estados culturais distintos, na qual a normalidade é temporariamente suspensa e as fronteiras tradicionais são desafiadas. No caso do Psytrance, o estado de liminaridade é alcançado a partir da imersão na música, nas atividades e cultura que envolvem o movimento, e é durante esse período que os participantes podem experimentar uma mudança na percepção de si mesmos e do mundo ao seu redor. Ainda, segundo o autor, essa mudança pode ocorrer para além do nível individual, com implicações em sua percepção social e cultural, o que evidencia o papel dessa cultura como conscientizadora social (Chaves, 2003).

Portanto, o Psytrance declarado como derivativo do movimento contracultural, toma para si seu posicionamento militante, evidenciando os elementos que o circundam construídos em um espaço de aceitação e receptividade às mais diversas representações culturais. Portanto, o faz porque

“O encontro de tribos torna claro o que se possibilita quando espaços livres são criados, não sendo restritos a uma única cena, mas sim vindo a si mesmos como uma expressão de uma cultura de mudança multifacetada. (Sterneck, 2011, p. 59 *apud* Schoch, 2021, p. 64)

Posto isso, é possível observar semelhanças entre os ideais da cultura Psytrance e os movimentos contraculturais originais, com a luta pela inclusão, pela preservação do meio ambiente, pelos direitos humanos e dos animais, além de conceder visibilidade às minorias sociais, como mulheres, imigrantes, negros e indígenas (Moses, 2011 *apud* Schoch, 2021) (Figura 5). O afastamento de centros urbanos, a mentalidade, os valores, vestuário e comportamento, além da admiração pela cultura oriental e a realização de mochilões pelo mundo também são características que vão de encontro nos dois movimentos.

Figura 5 - Mulher com cartaz pelos direitos das mulheres no Mundo de Oz (2023)



Fonte: Coletiva a mente - Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

O Psytrance, enraizado no lema “Um outro mundo é possível” que marcou os movimentos contraculturais da década de 60, critica o modo de vida capitalista e, principalmente, a exploração desenfreada da natureza, representando, de acordo com Sguissardi (2001, *apud* Schoch, 2021), uma nova etapa do movimento mundial de resistência ao

pensamento hegemônico no mundo. Esse posicionamento ecoa na esfera ecológica, e se transforma em ações de conscientização nos festivais de Psytrance, buscando a proteção do meio ambiente e um desenvolvimento mais seguro e sustentável (Cavalcanti, 2005 *apud* Clarinda, 2018). Nesta conjuntura, emergem novas formas de organização dentro da cena, materializadas em projetos e experiências sociais, de sustentabilidade e cultura, indo muito além de festivais meramente musicais.

Exemplo disso é o Burning Man¹⁴, fundado em 1986, é realizado no deserto de Black Rock, nos Estados Unidos, e se destaca por criar uma comunidade temporária baseada em princípios de inclusão, autenticidade e participação ativa. Os participantes são estimulados a contribuir ativamente para a construção das instalações e performances, utilizando materiais recicláveis, e seguindo o princípio de não deixar rastros quando o festival terminar, ou seja, levar tudo o que trouxeram e deixar o local melhor do que encontraram. Outro ponto muito interessante do evento é a desmercantilização, que busca evitar influências comerciais, funcionando, dessa maneira, com base no escambo entre os participantes. Apesar disso, o festival ainda é relativamente comercial.

O ZNA Gathering¹⁵, fundado em 2010 por festeiros da velha guarda que se reencontraram através das redes sociais, é realizado em Portugal e tem como objetivo resgatar e celebrar as raízes do Goa Trance, trazendo músicos importantes para a cena desde a década de 1990. Seu nome, Ácido Zeoxirribonuncleico, codificaria as informações genéticas de todos os organismos vivos do “povo Zambu”. Esse termo é atribuído aos indivíduos cujo código genético teria sido reativado nos anos 90, trazido do espaço sideral ou transmitido por mutação, conferindo uma consciência e vibração únicas aos portadores, os quais compartilham um ritual em que os participantes visam uma experiência coletiva que influencia uma nova percepção de si mesmos e gera amor através da dança, da arte e da união, ou seja, os ravers. Esse festival é voltado para a experiência dos participantes, convidando-os para se conectarem a essa sequência genética especial, que além de buscar retomar a energia e a essência dos festivais de Goa, realiza ações de conscientização e preservação da natureza.

Já o Boom Festival¹⁶, realizado desde 1997, em Portugal, une música, arte, cultura e sustentabilidade, representando um grande exemplo de abordagem ecológica entre os eventos de grande escala. Adota gestão de resíduos, energia renovável e ações de conscientização

¹⁴ <https://burningman.org/> (Acessado em 25/11/2023).

¹⁵ <https://znagathering.com/> (Acessado em 25/11/2023).

¹⁶ <https://boomfestival.org/boom2023/> (Acessado em 25/11/2023).

ambiental durante o evento, buscando não apenas proteger, mas também regenerar o meio ambiente. Além disso, possui uma gestão consciente da água, ações de reflorestamento, seguindo os princípios da permacultura, e segue os princípios da bioconstrução, sendo amplamente reconhecido por sua abordagem ambiental, recebendo prêmios como o Greener Festival, ou Festival Mais Verde, em várias edições. No que diz respeito à alimentação, promove e prioriza produtores locais, orgânicos e opções vegetarianas e/ou veganas, que representaram 86% das disponibilizadas em sua edição de 2022. Na esfera social, conta com um apoio socioeconômico e iniciativas que buscam integrar e apoiar as comunidades locais.

No Brasil, um dos maiores exemplos neste sentido é a Aldeia Outro Mundo. O local, objeto deste estudo, realiza diversos festivais, tendo como uma de suas principais referências o Boom Festival, o qual inspira suas iniciativas ecológicas, sociais e culturais, como veremos a seguir.

5. ALDEIA OUTRO MUNDO

Para a obtenção de dados e informações sobre a Aldeia Outro Mundo, inicialmente foi pensada a realização de uma entrevista com o seu principal sócio, Dêfo. Entretanto, devido à disponibilidade destas em um documento de apresentação divulgado pelo mesmo, e também em sua participação no podcast Papo Paralello e no documentário de comemoração de 10 anos do festival Mundo de Oz, decidimos descartar a entrevista, mantendo contato direto com ele para maiores esclarecimentos.

A Aldeia Outro Mundo nasce em 2015, fundada por Fábio Defourny, advogado e educador, e sua esposa, Ivana Klava, engenheira química e artista independente. A decisão de criar esse espaço ocorre após o nascimento de sua primeira filha, Isis, quando decidem sair da capital paulista e seguir o sonho de se estabelecer em um lugar mais sustentável e em contato com a natureza. O espaço também foi concebido para a construção de uma pousada que serviria de apoio para os festivais que realizavam desde 2012 na Cachoeira Grande, em Lagoinha. Além disso, planejaram receber crianças para atividades de recreação, sustentabilidade e estudo do meio.

O local escolhido para a sua construção foi o bairro do Mandutinho, também em Lagoinha, que fica a cerca de 190 km da cidade de São Paulo (Figura 6). A escolha do nome “Aldeia Outro Mundo” se deu com a intenção de transmitir a ideia de uma comunidade unida e acolhedora, tal como gostariam de construir. Segundo o documento de apresentação da Aldeia, esta pode ser considerada uma ecoaldeia ou ecovila, termo este que foi conceituado como “um assentamento de funcionalidade completa, em escala humana, onde as atividades humanas são integradas ao mundo natural de maneira inofensiva, de tal forma que apoiam o desenvolvimento humano saudável, podendo ser continuada de forma bem-sucedida e indefinida no futuro” (Santos, 2019 *apud* Aldeia Outro Mundo, 2023), sendo reconhecidas, desde 1998, como uma das cem melhores práticas para o desenvolvimento sustentável pela ONU.

Tais comunidades, presentes tanto em áreas urbanas como em áreas rurais, têm como objetivo preservar áreas degradadas ou que estão em processo de degradação, seguindo técnicas ancestrais de utilização dos recursos naturais e o respeito aos processos cíclicos naturais. Dessa forma, na Aldeia Outro Mundo, esses princípios são resgatados para criar um ambiente acolhedor e sustentável, onde a harmonia com a natureza e a preservação do meio ambiente são prioridades. O compromisso da Aldeia é contribuir para a construção de um mundo melhor para as gerações futuras, conforme o início de seu documento de apresentação:

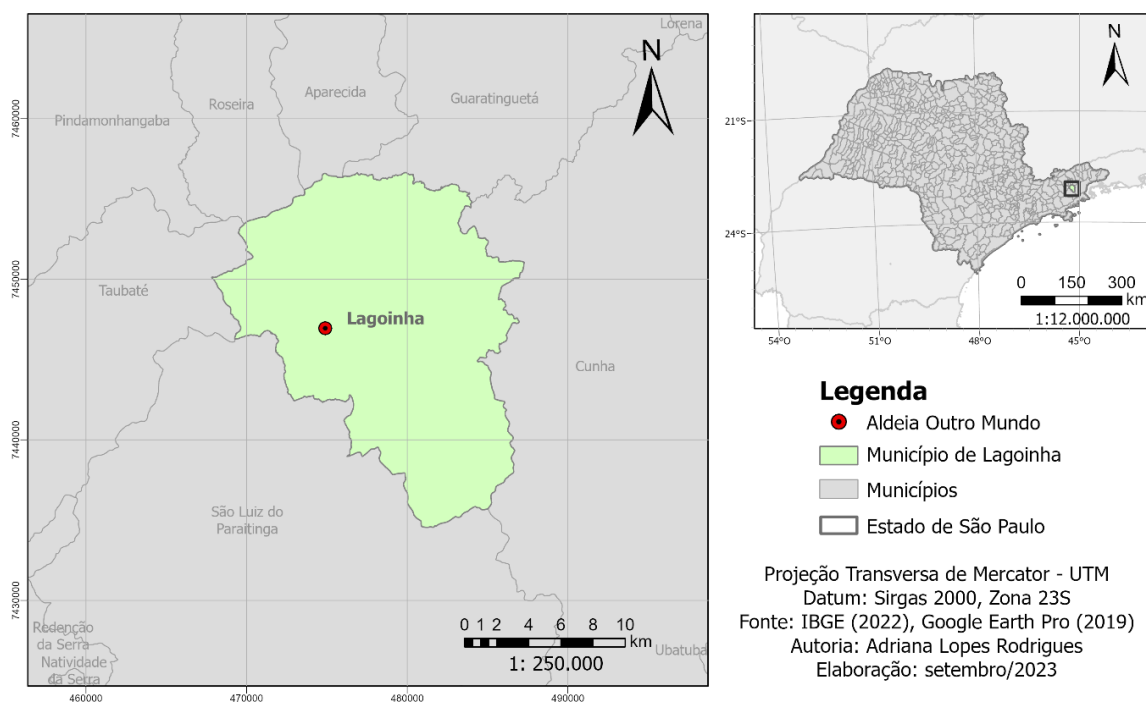
Adentrar a Aldeia Outro Mundo é como mergulhar em um universo encantado, onde a harmonia entre o ser humano e a natureza se torna uma realidade palpável. Localizada em Lagoinha, distante 190 km de São Paulo, nossa comunidade sustentável presenteia com um modelo de vida que desperta a esperança em um futuro melhor.

Ao resgatar a sabedoria ancestral, a Aldeia Outro Mundo se inspira nos modos de vida de nossos antepassados, que viveram em equilíbrio com a natureza por milhares de anos. Aqui, a natureza é tratada com inteligência e reverência, respeitando todos os seus ciclos naturais.

Em tempos de urgência climática e crescentes preocupações com o futuro do nosso planeta, a Aldeia Outro Mundo brilha intensamente, mostrando-nos que, juntos, podemos criar um mundo mais consciente, equilibrado e de paz. Ainda Bem que a Gente Tem a Gente. (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 3)

Figura 6 - Localização da Aldeia Outro Mundo em Lagoinha

Localização da Aldeia Outro Mundo em Lagoinha - SP



Fonte: Elaboração própria.

Um dos pilares fundamentais da Aldeia Outro Mundo é a bioconstrução, implementada graças ao trabalho do arquiteto César Costa, especialista na área, que projetou suas infraestruturas com base em técnicas ecológicas e materiais naturais. Desde a inauguração da Aldeia, em 27 de junho de 2015, César tem desempenhado um papel crucial na oferta de seus cursos de bioconstrução, compartilhando o seu conhecimento com outras pessoas, sendo que

muitas das obras da propriedade foram realizadas em parceria com aprendizes e voluntários. (Figura 7)

A escolha da bioconstrução como uma alternativa à construção convencional se justifica pelo fato de que “a construção e a manutenção de edifícios tradicionais consomem aproximadamente 50% de toda a energia produzida no mundo e são responsáveis pela geração de resíduos e pelo consumo excessivo dos recursos naturais (Goulart, 2008 *apud* Aldeia Outro Mundo, 2023). Ainda, segundo o autor, isso é notável principalmente no caso do cimento, cuja indústria figura entre as principais fontes de emissão de carbono do planeta, devido a queima de calcário a altas temperaturas para a sua produção. A bioconstrução, por sua vez,

Buscando a utilização de materiais e técnicas de baixo impacto ambiental, adequação às condições e clima locais, bem como do tratamento de resíduos, [...] apresenta alternativas sustentáveis e bastante promissoras dentro do setor da construção civil. Contribuindo na criação de uma arquitetura com o menor impacto ambiental (Bertei, 2023). Essas medidas reduzem significativamente o consumo de energia e promovem a saúde, o bem-estar e o conforto dos moradores. (Bertei, 2023 *apud* Aldeia Outro Mundo, 2023)

Assim, frente aos desafios da escassez de recursos naturais e mudanças climáticas enfrentados pela humanidade, a Aldeia busca demonstrar que é possível construir um mundo em que a sociedade esteja em harmonia com a natureza. Baseada nos princípios da ecologia, educação e arte, essa comunidade busca difundir valores humanos e agroecológicos através da educação e da arte, como exemplificado no trecho a seguir, também retirado de seu documento de apresentação:

A Aldeia Outro Mundo reconhece o poder da arte como uma forma de energia transformadora. Quando as portas da Aldeia se abrem, ocorre uma troca rica de saberes e vivências, uma celebração da vida. Os eventos realizados englobam atividades culturais, ecológicas, educativas, musicais, artísticas, artesanais, circenses e cênicas. Essas atividades aproximam os visitantes dos conceitos que a comunidade promove, como paz, amor, união, autoconhecimento e respeito mútuo. Em todos os espaços artísticos, a bioconstrução está presente, incorporando suas formas orgânicas, geométricas e curvilíneas mostrando que a arte está acessível a todos. Nessa atmosfera, em consonância com os recursos naturais, onde a natureza, o ser humano e a arte convivem harmoniosamente, proporcionando a muitas pessoas uma incrível experiência sensorial. (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 10)

Figura 7 - Primeiro Curso de Bioconstrução da Aldeia Outro Mundo (2016)



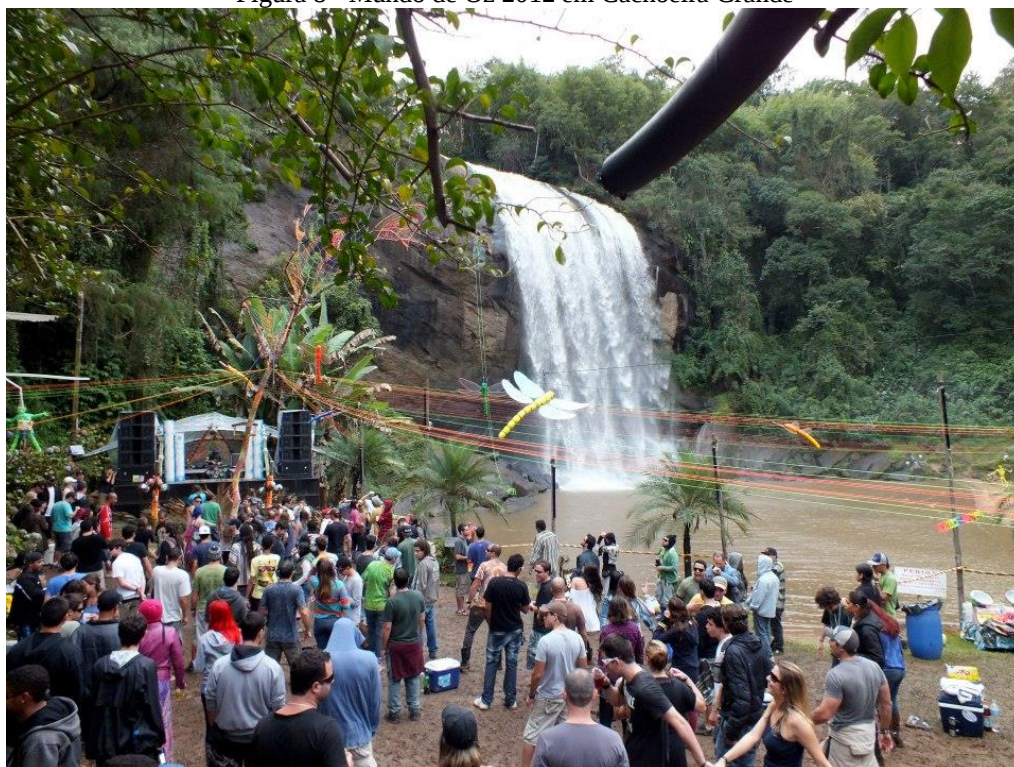
Fonte: Rodrigo Pessoa Korn - Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

No documentário de comemoração de 10 anos do Mundo de Oz e na participação de Dêfo no podcast Papo Paralello podemos entender um pouco mais sobre como a história do Mundo de Oz converge com a da Aldeia Outro Mundo, e como são seus espaços, eventos, projetos e dificuldades. O grupo de sócios da Aldeia Outro Mundo, composto por Dêfo, Ivana, Alexandre Irie, dj Bocara, dj Yesca, Gustavo e Maninho, se junta em 2009 para a realização do festival Mundo de Oz. De início, ainda não eram donos da festa, e tiveram grandes dificuldades financeiras, precisando recorrer à ajuda do pai de Ivana. Em 2010, realizaram o “Mundo de Oz Party”, em Tremembé, cujo nome, mais americanizado, faz jus à essência mais comercial da festa, numa tentativa de atrair um maior público para que pudessem aumentar seu lucro. Já em 2011, a edição volta às suas raízes, com uma essência mais underground, com maior presença dos ideais de respeito, valorização da cultura, paz e harmonia. Além disso, é neste ano que dão início à edição de ano novo do festival, o Reveilloz, também em Tremembé.

De 2012 a 2015, o festival foi realizado na Cachoeira Grande, em Lagoinha, onde, segundo os organizadores, tudo começou a fluir. Foi então que se deu início a sociedade entre eles e o festival ganhou popularidade, garantindo sua sustentabilidade financeira. Foi também nesse período que o festival conseguiu atrair atenção internacional, devido à viralização de uma foto de seu palco, montado ao lado da cachoeira (Figura 8). Em sua última edição na Cachoeira Grande o público chegou a 4000 pessoas, o limite suportado pelo local. Em suas edições de

2016 e 2017, devido à falta de renovação do contrato com a Cachoeira Grande, o festival muda para a cidade de Aparecida.

Figura 8 - Mundo de Oz 2012 em Cachoeira Grande

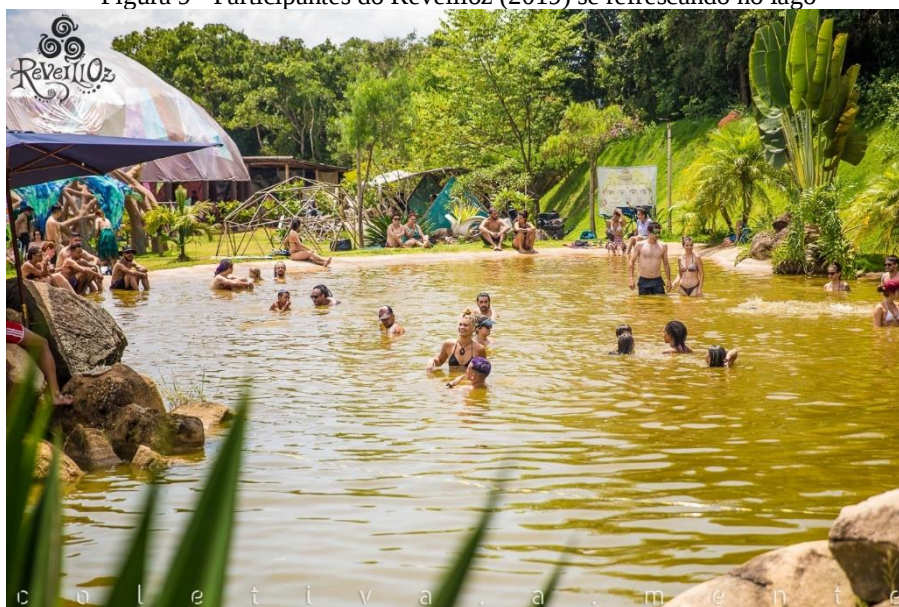


Fonte: Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

Antes de chegar ao que é hoje - um espaço multicultural para a realização de eventos, referência em ecologia, arte, música, educação e turismo - a Aldeia Outro Mundo, como já mencionado, era a casa da família fundadora, Dêfo, Ivana e seus filhos. É apenas em 2018, com a necessidade de encontrar um novo lugar para a realização do Mundo de Oz, que surge a ideia de comprarem mais algumas terras ao redor e expandirem-na para que os eventos fossem feitos ali. Inicialmente passaram por dificuldades, morando em condições precárias, conforme conta Dêfo no podcast Papo Paralelo.

Em 2018, a festa foi realizada perto da casa deles, onde hoje é o lago (Figura 9). Construíram a cozinha comunitária, o poço de água, banheiros e chuveiros, uma área de fogueira, tenda para a área de cura e um lago artificial. A partir de então, a Aldeia Outro Mundo tem expandido e melhorado suas infraestruturas, sendo todas elas baseadas nos princípios da bioconstrução. A seguir, discorro um pouco sobre os projetos e infraestruturas que Aldeia Outro Mundo possui e apoia, segundo o documento de apresentação da mesma.

Figura 9 - Participantes do Reveilloz (2019) se refrescando no lago



Fonte: Coletiva a mente - Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

No que se refere à água, a Aldeia implementou em 2017 um sistema que capta esse recurso de um poço artesiano, instalado no ponto mais alto da mesma, com 250 metros de profundidade. Ela é armazenada em uma cisterna com capacidade de 60.000 litros, e é distribuída para os moradores e visitantes a partir da gravidade, resultando na economia de energia elétrica. Além disso, como forma de economizar água potável, a Aldeia utiliza águas pluviais e retiradas de um lago da propriedade nos banheiros, chuveiros e para fins de limpeza. Somando-se a isso, são realizadas ações de conscientização para o consumo de água no estabelecimento, ocasionando na diminuição deste para cerca de 100 litros de água por pessoa/dia, equivalente a metade da média nacional.

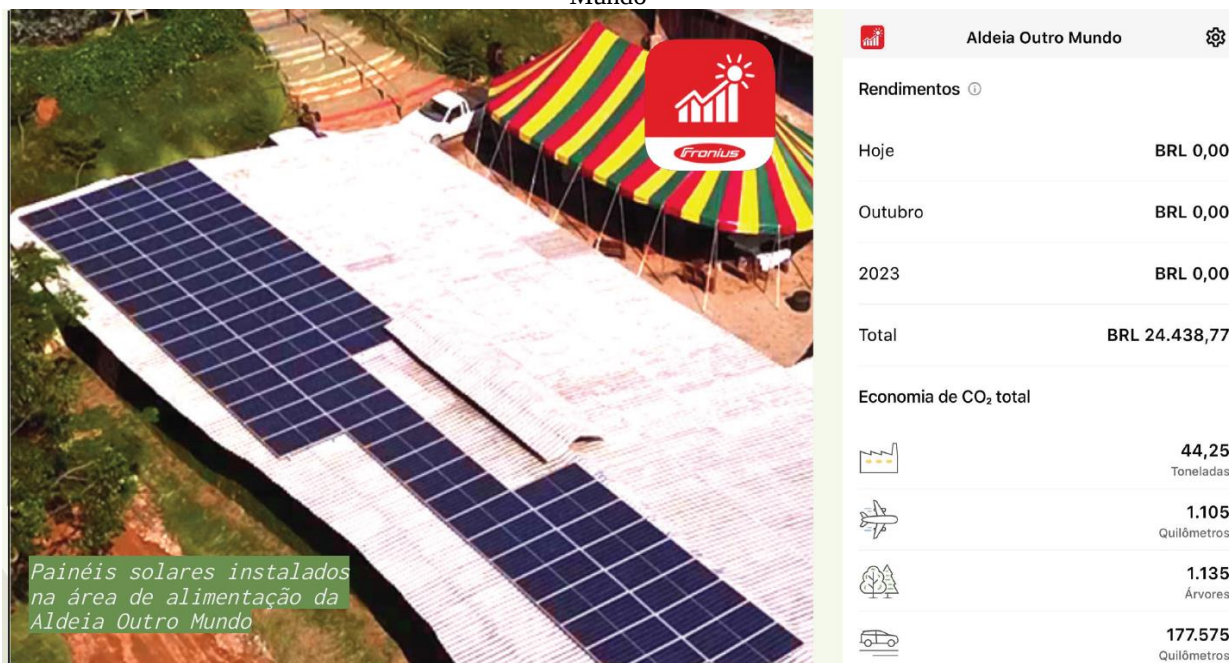
No que diz respeito à energia, a Aldeia Outro Mundo é autossuficiente, isto é, produz mais do que consome, graças à instalação de 100 painéis solares fotovoltaicos no telhado da cozinha, de 350W cada. Juntos, são capazes de gerar, em média, 5.000 kW de energia por mês, que posteriormente são distribuídos pela Elektro, a companhia responsável pela distribuição de energia elétrica na região.

De acordo com dados fornecidos pela própria companhia, o consumo de energia varia entre 2000 e 4000 kW por mês, sendo que os meses de eventos têm o pico mais alto de consumo. Com esse sistema de energia solar, foi possível gerar em média de 1000 a 3000 kW de energia excedente por mês, que é redistribuída para além da Aldeia. (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 17)

Ainda segundo o documento, estima-se que ao longo de três anos de utilização de energia solar, considerada uma fonte de energia limpa, renovável, e amplamente disponível no

Brasil, dada às nossas condições climáticas, a Aldeia deixou de emitir cerca de 45 toneladas de CO₂ e economizou cerca de R\$25.000,00, evidenciando os benefícios ambientais e econômicos dessa iniciativa (Figura 10).

Figura 10 - Aspectos dos benefícios ambientais e econômicos da utilização da energia solar na Aldeia Outro Mundo



Fonte: Aldeia Outro Mundo, 2023.

É também citada a pesquisa realizada pelo Fundo Mundial Para a Natureza em 2019, intitulada “Solucionar a Poluição Plástica”, a qual aponta o Brasil como o quarto país que mais produz lixo no mundo, trazendo a importância da coleta seletiva para a redução do impacto desses resíduos ao meio ambiente. Neste sentido, a Aldeia também adota práticas sustentáveis, como a separação dos resíduos orgânicos, que são encaminhados para uma composteira e transformados em adubo natural, posteriormente utilizado na horta. Os materiais inorgânicos recicláveis são encaminhados para as empresas especializadas em cada tipo de material, e o lixo comum, uma pequena parte do total, é encaminhado para a empresa responsável pela coleta no município.

Além disso, a Aldeia utiliza garrafas de vidro na bioconstrução e promove ações de conscientização, por meio de oficinas práticas e vivências. A separação de águas cinzas e escuras também é uma prática adotada, em que

As águas cinzas passam por filtros biológicos, enquanto as águas escuras são tratadas em bacias de evapotranspiração, também conhecidas como “fossas de bananeira” que adota o princípio de biorremediação e evapotranspiração

sendo essa uma solução, prática ambientalmente correta, socialmente justa, economicamente viável e de fácil replicação (Campos, 2020 *apud* Aldeia Outro Mundo, 2023)

Esse sistema permite que a água retirada do poço artesiano seja devolvida à natureza na forma de vapor pelas folhas das bananeiras, o que reduz a carga de poluentes nos corpos d'água, ao mesmo tempo em que os resíduos são transformados em micronutrientes e devolvidos ao solo, aumentando sua fertilidade e auxiliando no crescimento delas. Ademais, neste contexto, não há necessidade de conectar o esgoto da propriedade à rede pública.

Para além dos sistemas já apresentados, a Aldeia Outro Mundo se dedica a uma série de projetos que abrangem diferentes áreas da sustentabilidade e preservação ambiental. Exemplo disso é o reflorestamento, que visa beneficiar não apenas os espaços da Aldeia, mas também o seu entorno, com “mais de 8 mil mudas nativas plantadas e pelo menos 6 minas d'água beneficiadas com aumento de seu volume.” (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 36). Também foram estabelecidas parcerias significativas, como a contribuição com a Conexão Mata Atlântica, desde 2020, em um programa de pagamento por serviços ambientais, sendo agraciada por atividades de preservação, reflorestamento, tratamento de águas cinzas e escuras e energia limpa. No mesmo ano também tem início a parceria com o Instituto Inocas, que se concentra no plantio de 4 mil palmeiras Macaúba, as quais fornecerão óleo vegetal para a produção de biodiesel e para as indústrias farmacêutica, alimentícia e energética.

A Aldeia possui um berçário de sementes de árvores nativas, construída em parceria com a Startup APÓ, que além de trabalhar com pesquisa e desenvolvimento aplicadas na produção e comercialização de árvores nativas, também oferece oficinas de educação ambiental sobre viveirismo por meio da arte educação. Segundo o documento, a importância desse trabalho se dá porque

possibilita o mapeamento de árvores matrizes da Aldeia para a coleta de sementes e aumento da diversidade de mudas fornecidas, tanto no que se refere à área de mata da Aldeia como também projeto de coletas em outros locais, levando e adquirindo trocas de saberes a respeito da preservação das nossas matas e florestas. (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 38)

Em 2023, com o patrocínio da Aldeia, pesquisadores da APÓ participaram de um evento na Aldeia Afukuri, do povo Kuikuro no Alto do Xingu, com o objetivo de proporcionar a troca de saberes em práticas de viveirismo e sociobiodiversidade, e discutir a importância das árvores nativas para o futuro climático do Brasil.

No que concerne aos projetos educacionais, a Aldeia Outro Mundo oferece os já citados cursos e treinamentos de bioconstrução e permacultura, que permitem aos seus participantes a compreensão de como integrar práticas ancestrais com conhecimentos tecnológicos e científicos modernos. O objetivo é que “o máximo de pessoas se apropriem de conhecimentos, a fim de que possam atuar de maneira consciente e responsável na construção de seus lares.” (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 33), além de demonstrar o poder transformador da solidariedade durante os mutirões para a realização das obras. Caminhando junto aos princípios da bioconstrução, a permacultura envolve o planejamento e implementação de ocupações humanas sustentáveis, unindo esses conhecimentos para a promoção de uma relação mais harmoniosa com o meio ambiente, envolvendo diversos aspectos, como demonstrado na Figura 11:

Figura 11 - Princípios da Permacultura

espaço construído

- Planejamento solar passivo
- Construção com material natural
- Coleta e Reúso da Água
- Bioarquitetura
- Construções de abrigos na terra
- Construções resistentes a desastres naturais
- Construção pelo proprietário
- Linguagem dos Padrões

manejo da terra e da natureza

- Jardinagem Bio-intensiva
- Jardinagem Florestal
- Banco de Sementes
- Agricultura Orgânica
- Biodinâmica
- Plantio Natural
- Linha chave para coleta de água
- Manejo Holístico de Campos
- Plantio em Sequência Natural
- Agrofloresta
- Floresta baseada na natureza
- Aquacultura Integrada
- Colheita e caça selvagem
- Recoletando

ferramentas e tecnologias

- Reúso e Reciclagem criativa
- Ferramentas Manuais
- Bicicletas e bicicletas elétricas
- Fogão de lenha eficiente e de baixa poluição
- Combustíveis de restos orgânicos
- Gaseificação de madeira
- Biochar de reflorestamento
- Co-geração
- Micro-hydro & Vento em pequena escala
- Cerca elétrica de geração de energia renovável
- Armazenagem de energia
- Engenharia de Transição

cultura e educação

- Educação em Casa
- Educação Waldorf
- Arte e Música participativa
- Ecologia social
- Pesquisa Ação
- Cultura de transição

saúde e bem-estar espiritual

- Parto em casa e Aleitamento materno
- Medicina Complementar e Holística
- Yoga, Tai Chi, Capoeira e outras disciplinas de corpo/mente/espírito
- Espírito do lugar, renascimento
- Cultural indígena
- Morte Digna

economia e finanças

- Moeda local e regional
- Rodovias específicas para carros cheios
- Carona e Compartilhamento de carro
- Investimento Ético & Comércio Justo
- WWOOFing & Redes similares
- Mercados de Produtores & Agricultura
- Apoiada na Comunidade (AAC)
- Cotas de Energia Cambiável
- Análise dos Ciclos da Vida
- Contabilidade Emergética

posse da terra e comunidade

- Cooperativas e Associações comunitárias
- Ecovilas e Co-habitações
- Tecnologia para espaço aberto
- Tomada de Decisão por Consenso
- Título Nativo e Direito tradicional de uso

Fonte: Aldeia Outro Mundo, 2023.

Nos cursos, os participantes aprendem a realizar projetos que levam em consideração aspectos como a escolha do local; o posicionamento das casas para que recebam luz solar e ventilação natural em todos os ambientes; a criação de designs únicos de acordo com as necessidades e particularidades de cada família; o uso de telhados verdes, que auxiliam no isolamento térmico, absorção de água da chuva e melhoria da qualidade do ar; e a seleção de materiais regionais ou locais sustentáveis, a exemplo da terra, palha, esterco, madeira e bambu, usadas na maior parte das construções, com exceção das suas fundações, em que são usados

materiais tradicionais (Figura 12). O bambu está sendo cada vez mais incorporado nessa técnica pela Aldeia, que cogita a possibilidade de cultivá-lo para este fim, já que é uma planta de crescimento rápido, leve e fácil de manusear, e também atua na retenção de carbono da atmosfera. Em relação à essa técnica, o documento traz que:

O uso de terra crua nas paredes proporciona conforto térmico, mantendo a temperatura interna dos ambientes entre 22°C e 28°C, que é a faixa de conforto para os seres humanos. O barro como material de construção ajuda a reduzir a temperatura e possui inércia térmica, o que significa que retarda a entrada do calor na casa. Quando a terra é queimada para a confecção de tijolos cerâmicos, ela perde essas propriedades. Por isso, as edificações convencionais esquentam e esfriam rapidamente e costumam apresentar problemas de umidade. Já as paredes e rebocos naturais têm a capacidade de regular a umidade do ambiente, criando um equilíbrio ergométrico. (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 31)

Figura 12 - Curso de bioconstrução (2016)



Fonte: Rodrigo Pessoa Korn - Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

Além desses cursos, a Aldeia oferece visitas monitoradas às escolas, proporcionando o contato dos alunos com a arte e valores humanos e agroecológicos, apresentando seus diferentes espaços e projetos para o ensino de aspectos relacionados à conservação da água, energias renováveis, reciclagem e agroflorestas, por exemplo. O objetivo é o estabelecimento de um aprendizado significativo a partir de imersões e atividades práticas para além da sala de aula, como forma de inspirá-los a se tornarem agentes ativos de mudança em suas comunidades.

Futuramente, planejam colocar em prática o sonho de um acampamento educativo para crianças e jovens, como demonstrado no trecho a seguir:

Com o objetivo de promover a educação ecológica e a bioconstrução, a Aldeia pretende, no futuro, receber escolas do Vale do Paraíba. Essas escolas terão a oportunidade de acampar e mergulhar em um universo sustentável, por meio de aulas gratuitas e complementares ao currículo regular. Ao participarem ativamente de projetos agroflorestais e de bioconstrução, os jovens terão a oportunidade de aprender, aplicar e compartilhar os princípios da sustentabilidade e da educação ecológica, onde essas escolas têm um papel vital a desempenhar nessa jornada de transformação. (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 39)

A criação do Instituto Aldeia Outro Mundo em 2023 fortalece o seu compromisso com a sociedade, contemplando as ações relacionadas às esferas social, cultural e artística que já realizam há alguns anos. Somadas às atividades realizadas com estudantes, é responsável pela realização do Carnaval de Lagoinha há três anos, sendo este reconhecido, assim como os outros eventos da Aldeia, por sua atmosfera pacífica, e por levar arte e cultura para os moradores da cidade. Também é responsável pela documentação e doação dos alimentos arrecadados nos eventos, para que todos os visitantes tenham acesso ao que é feito, sendo que “ao longo de 8 anos, foram doadas mais de 70 toneladas de alimentos, fazendo uma grande diferença na vida de muitas pessoas na cidade de Lagoinha.” (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 26)

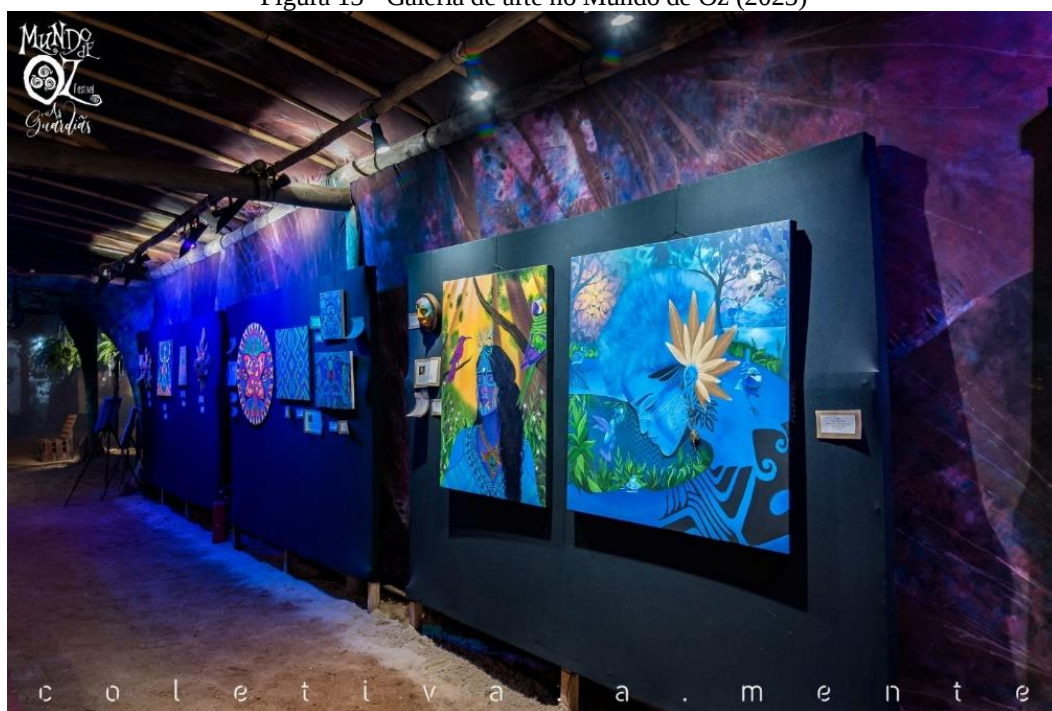
Ainda em relação à dimensão cultural, a Aldeia Outro Mundo possui uma forte relação com algumas comunidades e líderes indígenas, que participam dos eventos organizados, compartilhando um pouco de sua cultura com o público presente. O objetivo é criar um ambiente de respeito e celebração da diversidade cultural, ao mesmo tempo em que promovem uma experiência significativa e enriquecedora para os participantes. Nestes eventos,

são designados espaços específicos e palcos onde as comunidades indígenas podem conduzir vivências, apresentações e cerimônias. Isso permite que o público tenha um contato autêntico e genuíno com as tradições, línguas, danças e artesanato desses povos, contribuindo para uma compreensão mais profunda e respeitosa de suas culturas. Além disso, nossa abordagem visa não apenas à exposição cultural, mas também à criação de conexões significativas e à promoção do diálogo intercultural. Acreditamos que essa troca de conhecimentos é um passo fundamental para fortalecer os laços entre diferentes comunidades e construir um ambiente de colaboração e respeito mútuo. (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 58)

Nesse aspecto, podemos também citar a Toca da Cultura, que consiste em um espaço baseado em uma filosofia holística, com uma abordagem pedagógica interdisciplinar, que visa ampliar o acesso e o compartilhamento de conhecimento e cultura. O espaço conta com uma

biblioteca, o museu da Aldeia, exposições de arte e um ateliê, onde são realizadas atividades de conscientização que englobam saberes de diferentes povos e comunidades, como palestras, vivências, oficinas de arte e rodas de conversa (Figuras 13 e 14). Por se tratar de um espaço colaborativo, todos que têm acesso à Aldeia, dentro ou fora de eventos, podem inscrever seus projetos para serem realizados no local, desde que estejam alinhados com as filosofias adotadas pela mesma. Ademais, a Aldeia tem como objetivo que “a Toca da Cultura seja reconhecida internacionalmente como um centro de cultura. Cultura no sentido em que as pessoas sejam ativas, autodeterminadas, pacíficas, solidárias, intuitivas, cheias de amor, sensíveis à beleza, criativas, espiritualizadas e conscientes de si mesmas. Ou seja, uma cultura que atenda às necessidades de sobrevivência e felicidade.” (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 41)

Figura 13 - Galeria de arte no Mundo de Oz (2023)



Fonte: Coletiva a mente - Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

Figura 14 - Oficina realizada no Reveilloz (2019)



Fonte: Coletiva a mente - Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

Voltando agora para a sua dimensão turística, trataremos primeiramente da Forneria, a pizzaria e restaurante da Aldeia Outro Mundo. Fundada em novembro de 2020, era um sonho antigo dos colaboradores da Aldeia, e surge como uma forma de sobrevivência do estabelecimento durante a pandemia do Covid-19, já que este, assim como todo o setor de eventos, foi duramente afetado pela necessidade de paralisação de suas atividades. O restaurante tem como proposta proporcionar uma experiência gastronômica única aos visitantes, unindo o sabor da culinária local a um ambiente acolhedor em meio à natureza. Além de funcionar durante os eventos da Aldeia, fica aberto ao público aos finais de semana, a cada 15 dias, e também em datas comemorativas, mas futuramente pretendem expandir o funcionamento para todos os finais de semana. A Forneria “tem o compromisso de utilizar apenas produtos de alta qualidade, os vegetais são agroecológicos, alguns deles cultivados diretamente na horta do local. O espaço é multifuncional e é oferecido pacotes especiais para casamentos, aniversários, batizados, confraternizações e eventos em geral, comportando, confortavelmente, 200 pessoas.” (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 43)

Dessa forma, além de atrair os turistas que vão para os festivais, a Aldeia traz pessoas que buscam uma experiência gastronômica diferente na Forneria, disponibilizando também suas áreas de camping e chalés para que fiquem hospedados e desfrutem de momentos de

descanso em meio às belas paisagens naturais de Lagoinha, possibilitando também que essas pessoas desfrutem de outros destinos turísticos da cidade, como a já citada Cachoeira Grande.

A Aldeia é fortemente representada por Dêfo no Conselho Municipal de Turismo de Lagoinha (COMTUR), sendo ele o atual presidente do conselho. Através desse papel, busca expandir os ideais da Aldeia para o município e fortalecer as atividades turísticas e econômicas da região. Em 2023, a Aldeia Outro Mundo e a cidade de Lagoinha foram incluídas na Rota Turística Caminhos das Nascentes do Paraíba do Sul, que conecta as regiões turísticas do Vale Histórico, da Fé e dos Rios do Vale, contemplando também as cidades de Areias, Silveiras, Cachoeira Paulista, Cunha, São Luiz do Paraitinga, Redenção da Serra, Natividade da Serra e Paraibuna. A Aldeia Outro Mundo é citada como um exemplo inspirador dentro dessa rota turística, se destacando como um verdadeiro exemplo de sucesso no Turismo Regenerativo.

O Turismo Regenerativo, por sua vez, adota uma visão sistêmica que vai além da sustentabilidade, considerando a relação entre os seres humanos, a natureza e a sociedade. Diferente do turismo sustentável, não se limita a ações superficiais, como reduzir a pegada de carbono, mas busca uma transformação profunda das práticas turísticas. Seu objetivo é, não só minimizar danos, como também recuperar e regenerar ecossistemas, culturas e comunidades que foram impactados negativamente pelas atividades turísticas, promovendo a cocriação, a colaboração e a sabedoria coletiva. Dessa forma, além de focar na natureza, engloba aspectos sociais, econômicos, políticos e até mesmo espirituais.

Neste sentido, a Aldeia Outro Mundo é reconhecida por sua abordagem inovadora que combina práticas sustentáveis e experiências turísticas autênticas, contribuindo para a regeneração ambiental e social da região, estabelecendo uma conexão genuína com as comunidades locais. Assim,

Através de parcerias estratégicas com organizações ambientais e culturais, promove-se a conservação dos recursos naturais, o resgate de tradições culturais e a valorização das comunidades originárias. Acredita-se no poder transformador do turismo, impulsionando o desenvolvimento econômico de maneira sustentável, respeitando a biodiversidade e melhorando a qualidade de vida das pessoas. (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 28)

Podemos entender melhor o impacto da Aldeia Outro Mundo em Lagoinha quando analisamos a quantidade de empregos gerados por suas atividades. De acordo com Dêfo, em eventos maiores, que recebem um público entre 4.000 e 6.000 pessoas, são empregados por volta de 400 funcionários, de forma temporária, sendo aproximadamente 95% da própria cidade. Dessa forma, considerando que a cidade de Lagoinha possui uma população de 5.083

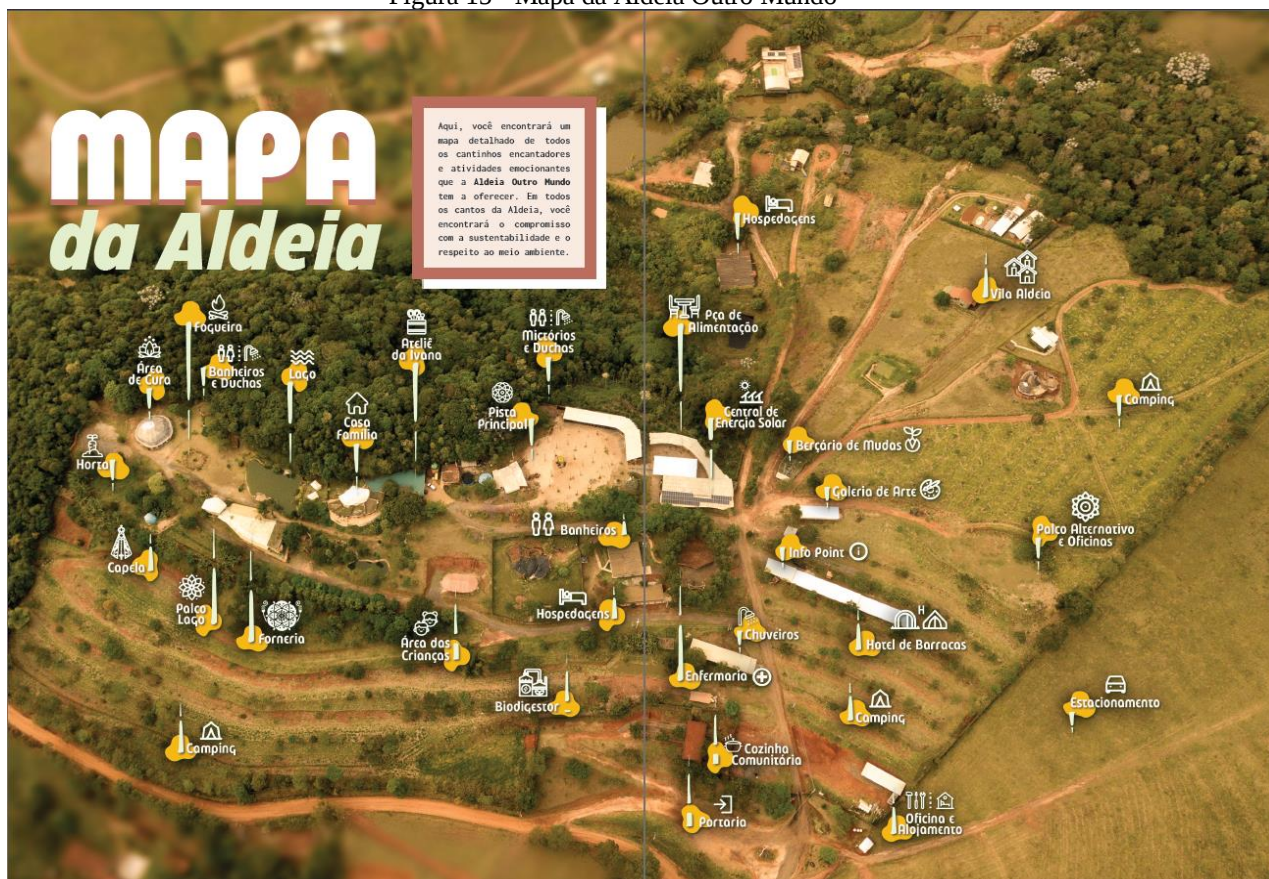
peessoas, segundo o Censo Demográfico de 2022, a Aldeia emprega quase 8% dos moradores da cidade durante seus eventos, sem contar os empregos gerados de forma indireta, principalmente no setor de serviços. Além disso, no que diz respeito aos empregos fixos, o documento de apresentação da Aldeia traz que cerca de 90% dos funcionários do Instituto Aldeia são naturais de Lagoinha, fortalecendo os vínculos com a comunidade e contribuindo para o desenvolvimento local.

A Aldeia também estabelece parcerias com estabelecimentos próximos que oferecem suas instalações para acomodar seus visitantes, como o Sítio 3 Irmãos, o Sítio Santa Rita e o Sítio do Bodinho, sendo possível realizar a reserva dos mesmos diretamente no seu site, juntamente com as acomodações dentro da própria propriedade e seu hotel de barracas. Assim, oferece diversas opções de hospedagem, contemplando diferentes tipos de turistas, e contribui diretamente para a dinamização do setor hoteleiro da cidade.

No que se refere à infraestrutura da Aldeia, esta conta com estacionamento (interno e externo); portaria e segurança; áreas de camping; hotel de barracas; cozinha comunitária; acomodações; cozinha industrial e praça de alimentação; info point, com o intuito de informar as pessoas sobre os espaços e estruturas da Aldeia, assim como pontos turísticos da região; enfermaria; pista principal; lago; restaurante; palco do lago; geodésica e capela (Figura 15). Destes, vale a pena destacar o papel da cozinha comunitária na diminuição dos gastos das pessoas durante o festival, já que podem levar seus utensílios e fazer sua própria comida em fogões e fornos à lenha. Além disso, conta com uma horta com plantas medicinais e temperos, e promove “[...] não apenas uma proposta sustentável, mas também um intercâmbio cultural e gastronômico. Os visitantes vêm de diversas regiões do Brasil e de outros países, pessoas que adoram compartilhar seus conhecimentos culinários e tradições locais.” (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 20). Durante os eventos também são oferecidas uma ampla variedade de atividades e espaços,

como estandes de ONGs parceiras, palestras, rodas de conversa, teatro, feira de artesanato, mini-usina de reciclagem de lixo, oficinas artísticas, espaço kids, praça de alimentação e um ambulatório médico equipado com carro de resgate e UTI móvel. Conta também com brigadistas de incêndio, segurança privada e estacionamento protegido por uma empresa de segurança particular. (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 22)

Figura 15 - Mapa da Aldeia Outro Mundo



Fonte: Aldeia Outro Mundo, 2023.

Os festivais da Aldeia oferecem três espaços musicais distintos: o palco principal, ou Mainfloor, dedicado às diferentes vertentes da música eletrônica, o palco alternativo Chillout (Figuras 17 e 18), que abrange diversos gêneros musicais, indo desde o forró até músicas experimentais, e o palco Espaço de Cura, com mantras e cantos com fins espirituais. A área de cura (Figura 16) é dedicada à promoção da conexão interior, expansão da consciência e aprimoramento pessoal, possuindo uma filosofia universalista, ou seja, não é vinculada a nenhuma religião específica, mas integra diversas abordagens espirituais e étnicas. O espaço oferece, além do palco, o lago, fogueira, tenda de cura, tenda do Sagrado Feminino, espaço de massagem e terapias, tendas de sombra, área para crianças e o restaurante com deck coberto. É ali que “[...] acontecem vivências, práticas, palestras, cerimônias e rituais coordenados pela escola de desenvolvimento espiritual Clã do Sol, juntamente com terapeutas, professores, sacerdotes e músicos que criam programações especiais para cada evento.” (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 24)

Figura 16 - Aula de yoga durante o Mundo de Oz (2023)



Fonte: Coletiva a mente - Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

Figura 17 - Performance durante show no Palco Chillout no Mundo de Oz (2019)



Fonte: Coletiva a mente - Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

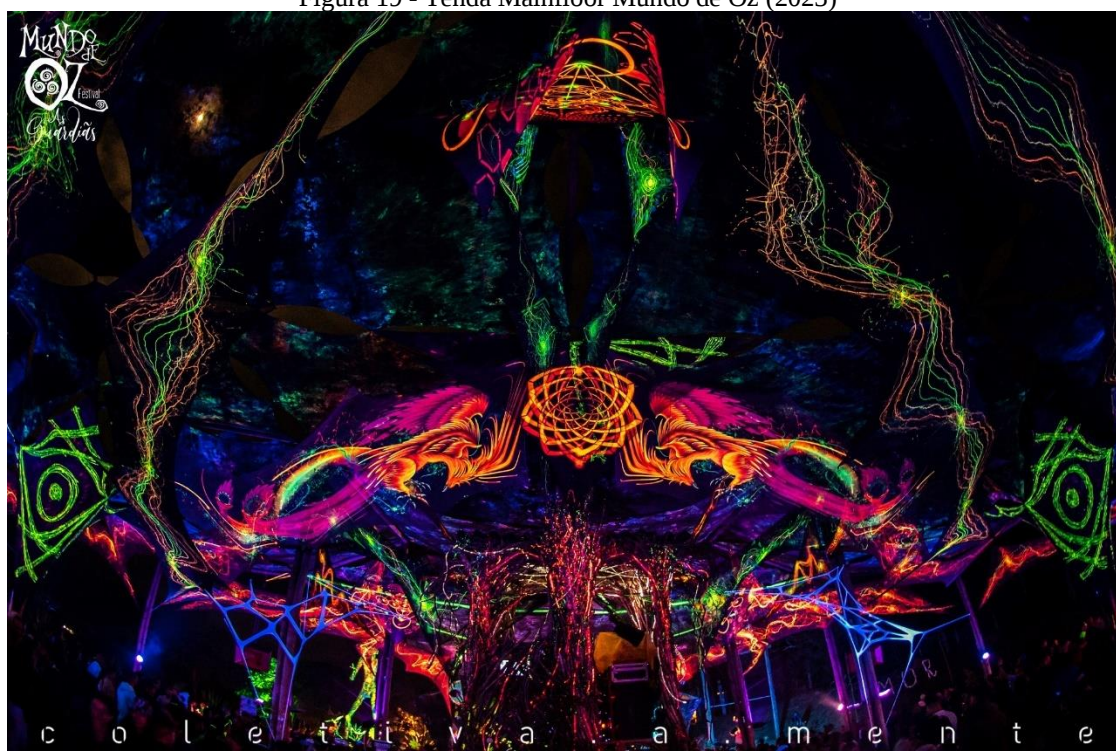
Figura 18 - Redário do Chillout no Mundo de Oz (2023)



Fonte: Coletiva a mente – Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

Agora, em se tratando especificamente dos festivais realizados pela Aldeia Outro Mundo, temos o Mundo de Oz, Reveilloz, Gaia Connection e Mundo Sol, além da futura Tribus PVT, anunciada por Dêfo no Podcast Papo Paralello, cujo objetivo será apresentar djs a produtores de eventos brasileiros e dar a oportunidade para que mostrem seu talento. O Mundo de Oz (Figura 19), conforme já mencionado, é realizado desde outubro de 2009, recebendo mais de 50 mil pessoas nesses quinze anos de história, atraindo estrangeiros de diversas partes do mundo. Já foi realizado em Águas de São Pedro, Tremembé e Lagoinha, no estado de São Paulo, e “já realizou uma edição internacional em Goa, cidade da Índia, no formato de Mundo de Oz Pelo Mundo.” (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 45). O Reveilloz (Figura 20), sua celebração de final de ano, já recebeu cerca de 20 mil pessoas, contando com um “[...] público menor, por ser um evento mais íntimo, traz uma atmosfera familiar e tranquila para passar a virada de ano. A área Kids deste evento tem um público de pouco mais de 200 crianças que brincam e aprendem por meio de jogos lúdicos e dinâmicas recreativas e interativas com os pais, dinamizadas pela equipe Anjos Da Guarda.” (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 46)

Figura 19 - Tenda Mainfloor Mundo de Oz (2023)



Fonte: Coletiva a mente - Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

Figura 20 - Criança aproveitando o show do Raimundos no Reveilloz (2019)



Fonte: Coletiva a mente - Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

O Gaia Connection, por sua vez, foi fundado em setembro de 2012 por Pedro Tiol, virando um grande aliado da Aldeia Outro Mundo dois anos mais tarde, trazendo cerca de 50

mil pessoas para seus eventos ao longo de doze anos. Este festival, “além de trazer as atrações musicais, também tem o objetivo de promover ações desenvolvidas com comunidades indígenas, oficinas culturais e oficinas de educação ambiental. A Gaia Connection tem o objetivo de propagar a conscientização ambiental e práticas para a conservação do meio ambiente.” (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 45).

Por fim, temos o Mundo Sol, criado em 2019, com uma proposta diferente dos outros, possuindo um viés ecumênico, isto é, com a presença de diversas religiões em suas atividades culturais, palestras e apresentações musicais. Além disso, esse evento possui alimentos estritamente vegetarianos e veganos, além de não ter bebidas alcoólicas. Nele, “busca-se integrar a pluralidade dessas religiões através da conexão com a música. Conta com gêneros musicais como mantras, rock, trance, reggae e músicas com mensagens positivas e elevadas.” (Aldeia Outro Mundo, 2023, p. 46)

Além dos eventos já citados, a Aldeia Outro Mundo cede seu espaço para a realização de festivais como a Cosmic Crew, Xyryry Kuaray, Hitech Revolution, Adhana, Woodstock e Tríade Trance, numa tentativa de trazer outras “crews” do psytrance para a Aldeia e fortalecê-la, já que, como conta Dêfo no podcast Papo Paralelo, apesar de se empenharem em transmitir valores de paz, união e respeito através de suas atividades, enfrentam diversos preconceitos, chegando até a sofrer perseguição política. Por esse motivo, enfrenta 14 processos judiciais, sendo 10 deles ainda ativos e uma condenação por crime ambiental, devido ao som, apesar dos eventos seguirem as normas técnicas internacionais, como o Boom Festival. Esse fator foi determinante também para a interdição da grande pista principal inaugurada em 2019 pela Aldeia, a qual representou um investimento de cerca de 1,5 milhão de reais, e infelizmente não pode mais ser utilizada (Figura 21).

Ele também conta que as pessoas que estão por trás desses embates judiciais, em geral, não moram na cidade de Lagoinha, mas são donos de terras que detêm uma maior influência política. Por outro lado, os moradores de Lagoinha, e, em especial, os comerciantes, demonstram seu apoio às atividades da Aldeia, considerando o público que frequenta o local muito respeitoso, apesar dos estereótipos negativos. No podcast, Dêfo reflete sobre a possibilidade de realização de eventos como carnaval, rodeios, festas de rock, ou até mesmo cultos com o som alto sem que haja nenhum tipo de consequência no âmbito legal, o que não ocorre no caso do Psytrance.

Figura 21 - Pista “de baixo” que foi interditada, no Reveilloz (2019)



Fonte: Coletiva a mente - Facebook Mundo de Oz “Arte, Ecologia, Cultura e Música”.

Apesar dessas dificuldades, a Aldeia Outro Mundo persiste e conta com o apoio de alguns vereadores da cidade, que atualmente tentam aprovar seu novo Plano Diretor, no qual o bairro do Mandutinho, onde está localizada a Aldeia Outro Mundo, é categorizado como um bairro turístico, trazendo o resguardo da lei para a manutenção das suas atividades.

Foi frente a esse cenário que, nas eleições de 2022, Dêfo foi candidato a Deputado Federal, buscando uma maior articulação política para levar adiante os projetos e ideais progressistas da Aldeia, assim como o cenário do Psytrance como um todo. Entretanto, diante do grande descrédito nos políticos brasileiros atualmente, conta no podcast que muitas pessoas duvidaram de suas intenções e o criticaram por isso, e não pensa em se candidatar novamente tão cedo, mas continuará lutando pela cultura Psytrance, concentrando seus esforços nas ações e projetos da Aldeia Outro Mundo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, aprofundamo-nos na compreensão da cultura Psytrance para além de sua expressão musical, explorando seus valores e características mais amplas, que resultam no surgimento de novas formas de organizações sociais vinculadas ao movimento, representadas aqui pela atuação da Aldeia Outro Mundo em Lagoinha. O Psytrance, conforme destacado, se insere em um continuum contracultural que carrega as ideologias que tomaram força na década de 1960, sendo marcado por uma busca por experiências de vida alternativas, e transmitindo uma mensagem de Paz, Amor, União e Respeito.

No contexto da comercialização excessiva de raves e festivais e da busca desenfreada pelo lucro, a atuação da Aldeia Outro Mundo, como demonstrado, se faz importante para a continuação dessa cultura. Ao preservar os valores fundamentais do Psytrance e implementar diferentes ações que transcendem as barreiras dos eventos, essa comunidade se consolida enquanto resistência frente à mercantilização, mesmo funcionando dentro do sistema capitalista, oferecendo experiências que vão além do entretenimento e se tornando uma força transformadora no contexto local.

Santos (1993), ao abordar a dinâmica entre o universal e o local, cujas relações se aprofundam com a telecomunicação, fornece uma lente conceitual valiosa para entender como o Psytrance, sendo uma expressão cultural global, ganha vida e se desenvolve no lugar. O lugar é, ao mesmo tempo, objeto da convivência dialética de uma razão global e local, e é nele que o mundo pode ser percebido empiricamente. Nesta relação, entretanto, o lugar não é passivo, isto é, agrega características locais para a razão global, retratada pela Cultura Psytrance. A Aldeia Outro Mundo personifica esse vínculo, constituindo projetos ambientais, econômicos, sociais e turísticos, que, apesar de se inspirarem em exemplos como o Boom Festival, em contato com o lugar adquirem um caráter único, e impactam positivamente o município de Lagoinha e a região circundante.

Apesar do Psytrance ser apontado como um espaço inclusivo, no qual todos são bem-vindos, cabe pontuar que, principalmente em países subdesenvolvidos como o Brasil, marcado por uma extrema desigualdade social e crescente exploração trabalhista, o acesso a esse tipo de evento, que possui dias de duração e representa um investimento considerável ainda é limitado. Ademais, mesmo diante de todas as dificuldades e preconceitos, lugares como a Aldeia Outro Mundo resistem, representando, para além de um enclave da cultura Psytrance, uma manifestação de resiliência em meio às adversidades contemporâneas. Apesar das suas ações serem consideradas um grande exemplo a ser seguido, estas não terão o impacto necessário para

mudar o mundo sozinhas. Assim, para que se concretize um mundo melhor é preciso que tais ações se multipliquem, tanto na esfera privada quanto na pública, e medidas mais amplas e integradas sejam tomadas para uma transformação significativa e abrangente.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDEIA OUTRO MUNDO. **Documentário Mundo de Oz 10 anos**. Produção: Energy Studio Films e Lucas Cembranelli. YouTube, 3 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5kMQ6ey4NBs>> Acesso em: 15 nov 2022.
- BORGES, Maria Letícia Cânovas. **As manifestações artísticas do festival mundo de OZ em Lagoinha-SP: uma reflexão antropológica sobre a cultura psytrance**. 2019.
- CHAVES, Miguel. **Rave: Imagens e Éticas de uma Festa Contemporânea**. In: Etnografias Urbanas. Celta: Oeiras, p. 191-204, 2003.
- CINTRA, Giselle Cristina dos Santos. **Trance e dance: série de reportagens sobre o gênero da música eletrônica**. 2016.
- CLARINDA, Ana Paula de Oliveira Gonçalves. **Entre Piras, Vibes e Brisas: A experiência Mundo de Oz-SP**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso.
- PAPO PARALELLO. **DÊFO - Papo Paralello - #072**. Youtube, 4 set. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/RSt3rP3_O60?si=xlSjYorI4xJTVw7>. Acesso em: 10 out. 2023.
- DE LEDESMA, Charles. **The psytrance party**. 2012. Tese de Doutorado. University of East London.
- GOMES, R. **Já dançou trance?** Disponível em: <<https://medium.com/rcgomes/j%C3%A1-dan%C3%A7ou-trance-3d43849b339f>>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- MARTINS, Matheus Moreira. **Relevância e crescimento da música eletrônica como atividade econômica e avaliação de iniciativas sociais e ambientais**. 28 nov. 2022.
- OLIVEIRA, Carla Letícia Pereira. **Um Universo Paralello na Bahia: O império underground da música eletrônica**. 2018.
- OUTRO MUNDO. **Aldeia Outro Mundo**. 2023.
- PEREIRA, Camila. **Festivais de música eletrônica: Um núcleo para o consumo de sensações e experiências**. 2018.
- Shane R. **PsyTrance: A way of life**. Youtube, 25 mai, 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/kidWxPd7sMw>>. Acesso em: ago. 2023.
- SALLES, Flávia Márcia Costa. **Psytrance: a essência no êxtase**. 2020.
- SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. 1993.
- SCHOCH, Luana Chianca Velloso. **O Psytrance como expressão cultural global**. 2021.
- SILVA, Gabriel Abrão da. **Música eletrônica—por trás da cena**. 2015.

ST JOHN, Graham. **The local scenes and global culture of psytrance**. Routledge, 2010.

VIEIRA, Vinícius da Cruz. **Festa rave e turismo: fatores motivacionais dos frequentadores de festivais de música eletrônica**. 2015.